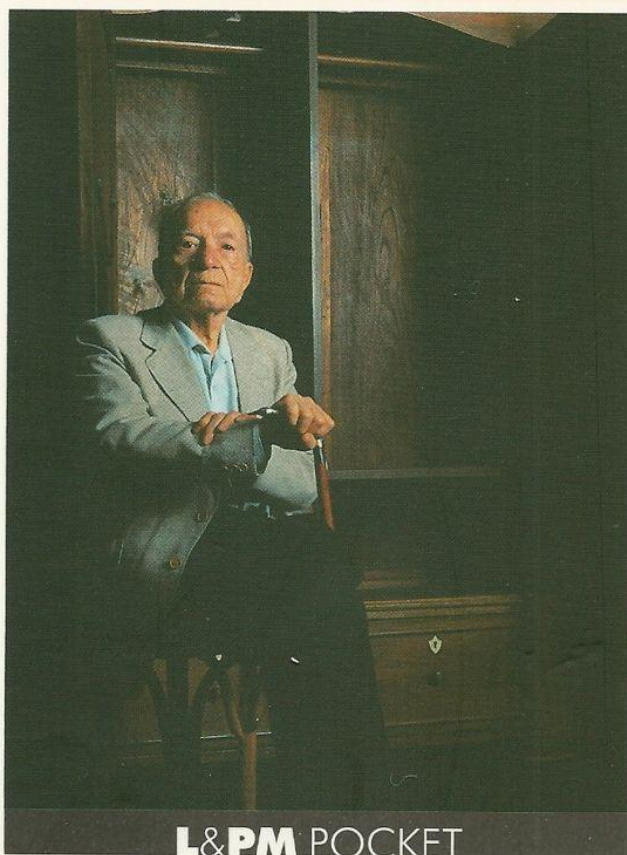


MARIO QUINTANA

QUINTANA DE BOLSO

RUA DOS CATAVENTOS & OUTROS POEMAS



L&PM POCKET



MARIO QUINTANA

QUINTANA DE BOLSO

RUA DOS CATAVENTOS & OUTROS POEMAS

SELEÇÃO DE SERGIO FARACO

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Coleção **L&PM** Pocket, vol. 71

Este livro foi editado originalmente com o título de *Antologia poética*. Em 2004 o título foi mudado para *Quintana de bolso*, sem nenhuma modificação no seu conteúdo.

Primeira edição na Coleção **L&PM** POCKET: agosto de 1997
Esta reimpressão: outubro de 2009

Os poemas incluídos nesta Antologia foram selecionados dos livros: *A Rua dos Cataventos*, *Canções*, *O Aprendiz de Feiticeiro*, *Espelho Mágico*, *Apontamentos de História Sobrenatural*, *Baú de Espantos*, *Preparativos de Viagem* e *A Cor do Invisível*, todos editados pela Editora Globo, a quem agradecemos pela cessão para esta obra.

capa: Ivan G. Pinheiro Machado sobre foto de Mario Quintana
foto da capa: Liane Neves
revisão: Cíntia Moscovich e Sergio Faraco

ISBN 978-85-254-0703-0

Q7a Quintana, Mario, 1906-1994.
 Quintana de bolso / Mario Quintana. -- Porto
Alegre : L&PM, 2009.
 176 p. ; 18 cm.

I. Poesias brasileiras. I. Título. II. Série.

CDD 869.91
CDU 869.0(81)-I

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© by Elena Quintana, 1997, 2004

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br
FALE CONOSCO: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Impresso no Brasil
Primavera de 2009

SUMÁRIO

A RUA DOS CATAVENTOS

[Escrevo diante da janela aberta] /7. [Dorme, ruazinha. /8. [Quando meus olhos de manhã se abriram] / 9. [Eu nada entendo da questão social] /10. [Na minha rua há um menininho doente] /11. [Avozinha Garoa vai cantando] /12. [Recordo ainda...] /13. [É a mesma a ruazinha sossegada] /14. [Eu faço versos como os saltimbancos] /15. [Este silêncio é feito de agonias] /16. [Dentro da noite alguém cantou] /17. [O dia abriu seu pára-sol bordado] /18. [Da vez primeira em que me assassinaram] /19. [Gadêa... Pelichek... Sebastião...] /20. [Sobre a coberta o lívido marfim] /21. [Que bom ficar assim, horas inteiras] /22. [Quando eu morrer e no frescor da lua] /23

CANÇÕES

Canção da primavera /24. Canção de um dia de vento /25. Canção de outono /26. Canção do suicida /27. Pequena crónica policial /28. Canção de barco e de olvido /29.

O APRENDIZ DE FEITICEIRO

O poema /30. O poema do amigo /31. Obsessão do Mar Oceano /32. Ao longo das janelas mortas /33. No silêncio terrível/34.

ESPELHO MÁGICO

Da observação /35. Do estilo /35. Das belas frases / Do cuidado da forma /35. Dos mundos /36. Das corcundas /36. Das utopias /36. Dos milagres /36. Das ilusões /37.

Dos nossos males /37. Da eterna procura /37. Do pranto /37. Do sabor das coisas /38. Dos sistemas /38. Do exercício da filosofia /38. Das ideias /38. Da amizade entre mulheres /39. Da felicidade /39. Da realidade /39. Do amoroso esquecimento /39. Da descrição /40. Da preguiça /40. Do ovo de Colombo /40. Do mal da velhice /40. Da moderação /41. Da calúnia /41. Da experiência /41. De como perdoar aos inimigos /41. Da condição humana /42. Da própria obra / 42.

APONTAMENTOS DE HISTÓRIA SOBRENATURAL

[A beleza dos versos impressos em livro] /43. Elegia /44. Canção de inverno /45. O espelho /46. O auto-retrato /47. Mundos /48. Pequeno poema didático /49. Olho as minhas mãos /50. Poema /52. Poema olhando um muro /53. O morituro /54. O velho no espelho /55. Cavalo de fogo /56. Presença /57. A morte é que está morta /58. Eu queria trazer-te uns versos muito lindos /59. A carta /60. Noturno III /61. //... / 62. Entre-sono /63. Cadeira de balanço /64. O morto /66. O mapa /67. Sesta antiga /69. Carta desesperada /70. Tia Élide /71. Este quarto /72. Os parceiros /73. Para Telmo Vergara /74. O poeta e a ode /75.

BAÚ DE ESPANTOS

Quinta coluna /76. Poema transitório /77. O homem do botão /79. Era um lugar / 80. O descobridor /81. Maria / 82. Torre azul /83. Os arroios / 84. Deixa-me seguir para o mar /85. Noturno da viação férrea /86. Querias que eu falasse de "poesia" /87. Parece um sonho... /88. Invitation au voyage /189. O último crime da mala /90. Os ceguinhos /91. A missa dos inocentes /92. Os degraus /93. Alma errada /94. [Num país de nostálgicos nevoeiros] /95. O olhar /96. Data e dedicatória /97.

O fatal convívio /98. As meninazinhas /99. Soneto póstumo /100. Uma alegria para sempre /101. Astrologia /102. Um céu comum /103.

ESCONDERIJOS DO TEMPO

Os poemas /104. Se o poeta falar num gato /105. Intermezzo /106. Vida /107. Preparativos para a viagem /108. A casa grande /109. O baú /110. Ray Bradbury /111. Alquimias /112. As cidades pequenas /113. Crónica /114. Solau à moda antiga /115. xxxxxxxxx /116. O poeta canta a si mesmo /117. A canção da vida /118. As mãos de meu pai /119.

PREPARATIVOS DE VIAGEM

[A louca agitação das vésperas de partida] /120. Quem disse que eu me mudei? /121. Primeiro poema de abril /122. O gato /123. Poeminha sentimental /124. O velho poeta /125. Sempre que chove /126. O Último poema /127. A imagem perdida /128.

A COR DO INVISÍVEL

Porto parado /129. As estrelas /130. Carta /131. Jardim interior /132. A mudança /133. Magias /134. O futuro /135. Dedicatória /136. Não basta saber amar... /137. Inscrição para um portão de cemitério /138. Quem ama inventa /139. À maneira de Jacques Prévert / 140. Verão /141. O silêncio /142. O umbigo / 143. Estatística /144 As civilizações /145. Ah! Os relógios / 146. Matinal /147. Eu escrevi um poema triste / 148. Poema / 149. Fantástica /150. Do ideal /151. Essa lembrança que nos vem /152. Lágrima /153. Maquinações da insónia /154. Esses inquietos ventos /155. O que o vento não levou / 156.

OBRA DE MARIO QUINTANA / 157

A RUA DOS CATAVENTOS

I

Escrevo diante da janela aberta.
Minha caneta é cor das venezianas:
Verde!... E que leves, lindas filigranas
Desenha o sol na página deserta!

Não sei que paisagista doidivas
Mistura os tons... acerta... desacerta...
Sempre em busca de nova descoberta,
Vai colorindo as horas quotidianas...

Jogos da luz dançando na folhagem!
Do que eu ia escrever até me esqueço...
Pra que pensar? Também sou da paisagem...

Vago, solúvel no ar, fico sonhando...
E me transmuto... iriso-me... estremeço...
Nos leves dedos que me vão pintando!

II

Dorme, ruazinha... É tudo escuro...
E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?
Dorme o teu sono sossegado e puro,
Com teus lampiões, com teus jardins tranquilos...

Dorme... Não há ladrões, eu te asseguro...
Nem guardas para acaso persegui-los...
Na noite alta, como sobre um muro,
As estrelinhas cantam como grilos...

O vento está dormindo na calçada,
O vento enovelou-se como um cão...
Dorme, ruazinha... Não há nada...

Só os meus passos... Mas tão leves são
Que até parecem, pela madrugada,
Os da minha futura assombração...

III

Quando meus olhos de manhã se abriram,
Fecharam-se de novo, deslumbrados:
Uns peixes, em reflexos doirados,
Voavam na luz: dentro da luz sumiram-se...

Rua em rua, acenderam-se os telhados.
Num claro riso as tabuletas riram.
E até no canto onde os deixei guardados
Os meus sapatos velhos refloriram.

Quase que eu saio voando céu em fora!
Evitemos, Senhor, esse prodígio...
As famílias, que haviam de dizer?

Nenhum milagre é permitido agora...
E lá se iria o resto de prestígio
Que no meu bairro eu inda possa ter!...

IV

Eu nada entendo da questão social.
Eu faço parte dela, simplesmente...
E sei apenas do meu próprio mal,
Que não é bem o mal de toda a gente,

Nem é deste Planeta... Por sinal
Que o mundo se lhe mostra indiferente!
E o meu anjo da Guarda, ele somente,
É quem lê os meus versos afinal...

E enquanto o mundo em torno se esbarronda,
Vivo regendo estranhas contradições
No meu vago País de Trebizonda...

Entre os Loucos, os Mortos e as Crianças,
É lá que eu canto, numa eterna ronda,
Nossos comuns desejos e esperanças!...

V

Na minha rua há um menininho doente.
Enquanto os outros partem para a escola,
Junto à janela, sonhadoramente,
Ele ouve o sapateiro bater sola.

Ouve também o carpinteiro, em frente,
Que uma canção napolitana engrola.
E pouco a pouco, gradativamente,
O sofrimento que ele tem se evola...

Mas nesta rua há um operário triste:
Não canta nada na manhã sonora
E o menino nem sonha que ele existe.

Ele trabalha silenciosamente...
E está compondo este soneto agora,
Pra alminha boa do menino doente...

VI

Avozinha Garoa vai cantando
Suas lindas histórias, à lareira.
“Era uma vez... Um dia... Eis senão quando...”
Até parece que a cidade inteira

Sob a garoa adormeceu sonhando...
Nisto, um rumor de rodas em carreira...
Clarins, ao longe... (É o Rei que anda buscando
O pezinho da Gata Borralheira!)

Cerro os olhos, a tarde cai, macia...
Aberto em meio, o livro inda não lido
Inutilmente sobre os joelhos pousa...

E a chuva um’outra história principia,
Para embalar meu coração dorido
Que está pensando, sempre, em outra coisa...

VII

Para Dyonélio Machado

Recordo ainda... E nada mais me importa...
Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam, sempre, de lembrança,
Algun brinquedo novo à minha porta...

Mas veio um vento de Desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta
Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada afora após segui... Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino... acreditai...
Que envelheceu, um dia, de repente!...

VII

Para Emílio Kemp

É a mesma a ruazinha sossegada,
Com as velhas rondas e as canções de outrora...
E os meus lindos pregões da madrugada
Passam cantando ruazinha em fora!

Mas parece que a luz está cansada...
E, não sei como, tudo tem, agora,
Essa tonalidade amarelada
Dos cartazes que o tempo descolora...

Sim, desses cartazes ante os quais
Nós às vezes paramos, indecisos...
Mas para quê?... Se não adiantam mais!...

Pobres cartazes por aí afora
Que inda anunciam: ALEGRIA — RISOS
Depois do Circo já ter ido embora!...

IX

Eu faço versos como os saltimbancos
Desconjuntam os ossos doloridos.
A entrada é livre para os conhecidos...
Sentai, Amadas, nos primeiros bancos!

Vão começar as convulsões e arrancos
Sobre os velhos tapetes estendidos...
Olhai o coração que entre gemidos
Giro na ponta dos meus dedos brancos!

"Meu Deus! Mas tu não mudas o programa!"
Protesta a clara voz das Bem-Amadas.
"Que tédio!" o coro dos Amigos clama.

"Mas que vos dar de novo e de imprevisto?"
Digo... e retorço as pobres mãos cansadas:
"Eu sei chorar... Eu sei sofrer... Só isto!"

X

Este silêncio é feito de agonias
E de luas enormes, irreais,
Dessas que espiam pelas gradarias
Nos longos dormitórios de hospitais.

De encontro à Lua, as hirtas galharias
Estão paradas como nos vitrais
E o luar decalca nas paredes frias
Misteriosas janelas fantasmais...

Ó silêncio de quando, em alto-mar,
Pálida, vaga aparição lunar,
Como um sonho vem vindo essa Fragata...

Estranha Nau que não demanda os portos!
Com mastros de marfim, velas de prata,
Toda apinhada de meninos mortos...

XI

Dentro da noite alguém cantou.
Abri minhas pupilas assustadas
De ave noturna... E as minhas mãos, velas paradas,
Não sei que frêmito as agitou!

Depois, de novo, o coração parou.
E quando a lua, enorme, nas estradas
Surge... dançam as minhas lâmpadas quebradas
Ao vento mau que as apagou...

Não foi nenhuma voz amada
Que, preludiando a canção notâmbula,
No meu silêncio me procurou...

Foi minha própria voz, fantástica e sonâmbula!
Foi, na noite alucinada,
A voz do morto que cantou.

XII

Para Érico Veríssimo

O dia abriu seu pára-sol bordado
De nuvens e de verde ramaria.
E estava até um fumo, que subia,
Mi-nu-ci-o-sa-men-te desenhado.

Depois surgiu, no céu azul arqueado,
A Lua — a Lua! — em pleno meio-dia.
Na rua, um menininho que seguia
Parou, ficou a olhá-la admirado...

Pus meus sapatos na janela alta,
Sobre o rebordo... Céu é que lhes falta
Pra suportarem a existência rude!

E eles sonham, imóveis, deslumbrados,
Que são dois velhos barcos, encalhados
Sobre a margem tranqüila de um açude...

XIII

Da vez primeira em que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha...
Depois, de cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha...

E hoje, dos meus cadáveres, eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada...
Arde um toco de vela, amarelada...
Como o único bem que me ficou!

Vinde, corvos, chacais, ladrões da estrada!
Ah! Desta mão, avaramente adunca,
Ninguém há de arrancar-me a luz sagrada!

Aves da Noite! Asas do Horror! Voejai!
Que a luz, trêmula e triste como um ai,
A luz do morto não se apaga nunca!

XIV

Gadêa... Pelichek... Sebastião...
Lobo Alvim... Ah, meus velhos camaradas!
Aonde foram vocês? Onde é que estão
Aqueles nossas ideais noitadas?

Fiquei sozinho... Mas não creio, não,
Estejam nossas almas separadas!
Às vezes sinto aqui, nestas calçadas,
O passo amigo de vocês... E então

Não me constranjo de sentir-me alegre,
De amar a vida assim, por mais que ela nos minta...
E no meu romantismo vagabundo

Eu sei que nestes céus de Porto Alegre
É para nós que inda S. Pedro pinta
Os mais belos crepúsculos do mundo!...

XV

Sobre a coberta o lívido marfim
Dos meus dedos compridos, amarelos...
Fora, um realejo toca para mim
Valsas antigas, velhos ritornelos.

E esquecido que vou morrer enfim,
Eu me distraio a construir castelos...
Tão altos sempre... cada vez mais belos!...
Nem Dom Quixote teve morte assim...

Mas que ouço? Quem será que está chorando?
Se soubésseis o quanto isto me enfada!
... E eu fico a olhar o céu pela janela...

Minh'alma louca há de sair cantando
Naquela nuvem que lá está parada
E mais parece um lindo barco a vela!...

XVI

Para Reynaldo Moura

Que bom ficar assim, horas inteiras,
Fumando... e olhando as lentas espirais...
Enquanto, fora, cantam os beirais
A baladilha ingênua das goteiras

E vai a Névoa, a bruxa silenciosa,
Transformando a Cidade, mais e mais,
Nessa Londres longínqua, misteriosa
Das poéticas novelas policiais...

Que bom, depois, sair por essas ruas,
Onde os lampiões, com sua luz febre,nta,
São sóis enfermos a fingir de luas...

Sair assim (tudo esquecer talvez!)
E ir andando, pela névoa lenta,
Com a displicência de um fantasma inglês...

XVII

Quando eu morrer e no frescor de lua
Da casa nova me quedar a sós,
Deixai-me em paz na minha quieta rua...
Nada mais quero com nenhum de vós!

Quero é ficar com alguns poemas tortos
Que andei tentando endireitar em vão...
Que lindo a Eternidade, amigos mortos,
Para as torturas lentas da Expressão!...

Eu levarei comigo as madrugadas,
Pôr de sóis, algum luar, asas em bando,
Mais o rir das primeiras namoradas...

E um dia a morte há de fitar com espanto
Os fios de vida que eu urdi, cantando,
Na orla negra do seu negro manto...

CANÇÕES

CANÇÃO DA PRIMAVERA

Para Érico Veríssimo

Primavera cruza o rio
Cruza o sonho que tu sonhas.
Na cidade adormecida
Primavera vem chegando.

Catavento enloqueceu,
Ficou girando, girando.
Em torno do catavento
Dancemos todos em bando.

Dancemos todos, dancemos,
Amadas, Mortos, Amigos,
Dancemos todos até
Não mais saber-se o motivo...

Até que as paineiras tenham
Por sobre os muros florido!

CANÇÃO DE UM DIA DE VENTO

Para Maurício Rosenblatt

O vento vinha ventando
Pelas cortinas de tule.

As mãos da menina morta
Estão varadas de luz.
No colo, juntos, refulgem
coração, âncora e cruz.

Nunca a água foi tão pura...
Quem a teria abençoado?
Nunca o pão de cada dia
Teve um gosto mais sagrado.

E o vento vinha ventando
Pelas cortinas de tule...

Menos um lugar na mesa,
Mais um nome na oração,
Da que consigo levava
Cruz, âncora e coração

(E o vento vinha ventando...)

Daquela de cujas penas
Só os anjos saberão.

CANÇÃO DE OUTONO

Para Salim Daou

O outono toca realejo
No pátio da minha vida.
Velha canção, sempre a mesma,
Sob a vidraça descida...

Tristeza? Encanto? Desejo?
Como é possível sabê-lo?
Um gozo incerto e dorido
De carícia a contrapelo...

Partir, ó alma, que dizes?
Colher as horas, em suma...
Mas os caminhos do Outono
Vão dar em parte nenhuma!

CANÇÃO DO SUICIDA

De repente, não sei como
Me atirei no contracéu.
À tona d'água ficou
Ficou dançando o chapéu.

E entre cascos afundados,
Entre anêmonas azuis,
Minha boca foi beber
Na taça do Rei de Tule.

Só minh'alma aqui ficou
Debruçada na amurada,
Olhando os barcos... os barcos!...
Que vão fugindo do cais.

PEQUENA CRÔNICA POLICIAL

Jazia no chão, sem vida,
E estava toda pintada!
Nem a morte lhe emprestara
A sua grave beleza...
Com fria curiosidade,
Vinha gente a espiar-lhe a cara,
As fundas marcas da idade,
Das canseiras, da bebida...
Triste da mulher perdida
Que um marinheiro esfaqueara!
Vieram uns homens de branco,
Foi levada ao necrotério.
E enquanto abriam, na mesa,
O seu corpo sem mistério,
Que linda e alegre menina
Entrou correndo no Céu?!
Lá continuou como era
Antes que o mundo lhe desse
A sua maldita sina:
Sem nada saber da vida,
De vícios ou de perigos,
Sem nada saber de nada...
Com a sua trança comprida,
Os seus sonhos de menina,
Os seus sapatos antigos!

CANÇÃO DE BARCO E DE OLVIDO

Para Augusto Meyer

Não quero a negra desnuda.
Não quero o baú do morto.
Eu quero o mapa das nuvens
E um barco bem vagaroso.

Ai esquinas esquecidas...
Ai lampiões de fins de linha...
Quem me abana das antigas
Janelas de guilhotina?

Que eu vou passando e passando,
Como em busca de outros ares...
Sempre de barco passando,
Cantando os meus quintanares...

No mesmo instante olvidando
Tudo o de que te lembrares.

O APRENDIZ DE FEITICEIRO**O POEMA**

Um poema como um gole d'água bebido no escuro.
Como um pobre animal palpitando ferido.
Como pequenina moeda de prata perdida para sempre
[na floresta noturna.
Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa
[condição de poema.
Triste.
Solitário.
Único.
Ferido de mortal beleza.

O POEMA DO AMIGO

Estranhamente esverdeado e fosfóreo,
Que de vezes já o encontrei, em escusos bares
[submarinos,
O meu calado cúmplice!

Teríamos assassinado juntos a mesma datilógrafa?
Encerráramos um anjo do Senhor nalgum escuro
[calabouço?

Éramos necrófilos
Ou poetas?
E aquele segredo sentava-se ali entre nós todo o tempo,
Como um convidado de máscara.
E nós bebíamos lentamente a ver se recordávamos...
E através das vidraças olhávamos os peixes maravilho-
[sos e terríveis cujas complicadas formas eram tão
[difíceis de compreender como os nomes com que
[os catalogara Marcus Gregorovius na sua monu-
[mental *Fauna Abyssalis*.

OBSESSÃO DO MAR OCEANO

Vou andando feliz pelas ruas sem nome...
Que vento bom sopra do Mar Oceano!
Meu amor eu nem sei como se chama,
Nem sei se é muito longe o Mar Oceano...
Mas há vasos cobertos de conchinhas
Sobre as mesas... e moças na janelas
Com brincos e pulseiras de coral...
Búzios calçando portas... caravelas
Sonhando imóveis sobre velhos pianos...
Nisto,
Na vitrina do bric o teu sorriso, Antínous,
E eu me lembrei do pobre imperador Adriano,
De su'alma perdida e vaga na neblina...
Mas como sopra o vento sobre o Mar Oceano!
Se eu morresse amanhã, só deixaria, só,
Uma caixa de música
Uma bússola
Um mapa figurado
Uns poemas cheios de beleza única
De estarem inconclusos...
Mas como sopra o vento nestas ruas de outono!
E eu nem sei, eu nem sei como te chamas...
Mas nos encontramos sobre o Mar Oceano,
Quando eu também já não tiver mais nome.

AO LONGO DAS JANELAS MORTAS

Ao longo das janelas mortas
Meu passo bate as calçadas.
Que estranho bate!...Será
Que a minha perna é de pau?
Ah, que esta vida é automática!
Estou exausto da gravitação dos astros!
Vou dar um tiro neste poema horrível!
Vou apitar chamando os guardas, os anjos, Nosso
[Senhor, as prostitutas, os mortos!
Venham ver a minha degradação,
A minha sede insaciável de não sei o quê,
As minhas rugas.
Tombai, estrelas de conta,
Lua falsa de papelão,
Manto bordado do céu!
Tombai, cobri com a santa inutilidade vossa
Esta carcaça miserável de sonho...

NO SILÊNCIO TERRÍVEL

No silêncio terrível do Cosmos
Há de ficar uma última lâmpada acesa
Mas tão baça
Tão pobre
Que eu procurarei, às cegas, por entre os papéis revoltos,
Pelo fundo dos armários,
Pelo assoalho, onde estarão fugindo imundas ratazanas,
O pequeno crucifixo de prata
– O pequenino, o milagroso crucifixo de prata que tu
[me deste um dia
Preso a uma fita preta.
E por ele os meus lábios convulsos chorarão
Viciosos do divino contato da prata fria...
Da prata clara, silenciosa, divinamente fria – morta!
E então a derradeira luz se apagará de todo...

ESPELHO MÁGICO**DA OBSERVAÇÃO**

Não te irrites, por mais que te fizerem...
Estuda, a frio, o coração alheio.
Farás, assim, do mal que eles te querem,
Teu mais amável e sutil recreio...

DO ESTILO

Fere de leve a frase... E esquece... Nada
 Convém que se repita...
Só em linguagem amorosa agrada
A mesma coisa cem mil vezes dita.

DAS BELAS FRASES

Frases felizes... Frases encantadas...
 Ó festa dos ouvidos!
Sempre há tolices muito bem ornadas...
 Como há pacóvios bem vestidos.

DO CUIDADO DA FORMA

Teu verso, barro vil,
No teu casto retiro, amolga, enrija, pule...
Vê depois como brilha, entre os mais, o imbecil.
 Arredondado e liso como um bule!

DOS MUNDOS

Deus criou este mundo. O homem, todavia,
Entrou a desconfiar, cogitabundo...
Decerto não gostou lá muito do que via...
E foi logo inventando o outro mundo.

DAS CORCUNDAS

As costas de Polichinelo arrasas
Só porque fogem das comuns medidas?
Olha! Quem sabe não serão as asas
De um anjo, sob as vestes escondidas...

DAS UTOPIAS

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que triste os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!

DOS MILAGRES

O milagre não é dar vida ao corpo extinto,
Ou luz ao cego, ou eloquência ao mudo...
Nem mudar água pura em vinho tinto...
Milagre é acreditarem nisso tudo!

DAS ILUSÕES

Meu saco de ilusões, bem cheio tive-o.
Com ele ia subindo a ladeira da vida.
E, no entretanto, após cada ilusão perdida...
Que extraordinária sensação de alívio!

DOS NOSSOS MALES

A nós nos bastem nossos próprios ais,
Que a ninguém sua cruz é pequenina.
Por pior que seja a situação da China,
Os nossos calos doem muito mais...

DA ETERNA PROCURA

Só o desejo inquieto, que não passa,
Faz o encanto da coisa desejada...
E terminamos desdenhando a caça
Pela doida aventura da caçada.

DO PRANTO

Não tentes consolar o desgraçado
Que chora amargamente a sorte má.
Se o tirares por fim do seu estado,
Que outra consolação lhe restará?

DO SABOR DAS COISAS

Por mais raro que seja, ou mais antigo,
Só um vinho é deveras excelente:
Aquele que tu bebes calmamente
Com o teu mais velho e silencioso amigo.

DOS SISTEMAS

Já trazes, ao nascer, tua filosofia.
As razões? Essas vêm posteriormente,
Tal como escolhes, na chapelaria,
A forma que mais te assente...

DO EXERCÍCIO DA FILOSOFIA

Como o burrico mourejando à nora,
A mente humana sempre as mesmas voltas dá...
Tolice alguma nos ocorrerá
Que não a tenha dito um sábio grego outrora...

DAS IDEIAS

Qualquer ideia que te agrade,
Por isso mesmo... é tua.
O autor nada mais fez que vestir a verdade
Que dentro em ti se achava inteiramente nua...

DA AMIZADE ENTRE MULHERES

Dizem-se amigas... Beijam-se... Mas qual!

Haverá quem nisso creia?

Salvo se uma das duas, por sinal,

For muito velha, ou muito feia...

DA FELICIDADE

Quantas vezes a gente, em busca de aventura,

Procede tal e qual o avozinho infeliz:

Em vão, por toda parte, os óculos procura,

Tendo-os na ponta do nariz!

DA REALIDADE

O sumo bem só no ideal perdura...

Ah! Quanta vez a vida nos revela

Que “a saudade da amada criatura”

É bem melhor do que a presença dela...

DO AMOROSO ESQUECIMENTO

Eu agora – que desfecho!

Já nem penso mais em ti...

Mas será que nunca deixo

De lembrar que te esqueci?

DA DISCRIÇÃO

Não te abras com teu amigo
Que ele um outro amigo tem.
E o amigo do teu amigo
Possui amigos também...

DA PREGUIÇA

Suave Preguiça, que do mau-querer
E de tolices mil ao abrigo nos pões...
Por causa tua, quantas más ações
Deixei de cometer!

DO OVO DE COLOMBO

Nos acontecimentos, sim, é que há Destino:
Nos homens, não – espuma de um segundo...
Se Colombo morresse em pequenino,
O Neves descobria o Novo Mundo!

DO MAL DA VELHICE

Chega a velhice um dia... E a gente ainda pensa
Que vive... E adora ainda mais a vida!
Como o enfermo que em vez de dar combate à doença
Busca torná-la ainda mais comprida...

DA MODERAÇÃO

Cuidado! Muito cuidado...
Mesmo no bom caminho urge medida e jeito.
Pois ninguém se parece tanto a um celerado
Como um santo perfeito...

DA CALÚNIA

Sorri com tranquilidade
Quando alguém te calunia.
Quem sabe o que não seria
Se ele dissesse a verdade...

DA EXPERIÊNCIA

A experiência de nada serve à gente.
É um médico tardio, distraído:
Põe-se a forjar receitas quando o doente
Já está perdido...

DE COMO PERDOAR AOS INIMIGOS

Perdoas... és cristão... bem o compreendo...
E é mais cómodo, em suma.
Não desculpes, porém, coisa nenhuma.
Que eles bem sabem o que estão fazendo...

DA CONDIÇÃO HUMANA

Se variam na casca, idêntico é o miolo.
Julguem-se embora de diversa trama:
Ninguém mais se parece a um verdadeiro tolo
Que o mais sutil dos sábios quando ama

DA PROPRIA OBRA

Exalta o Remendão seu trabalho de esteta...
Mestre Alfaiate gaba o seu corte ao freguês...
 Por que motivo só não pode o Poeta.
 Elogiar o que fez?

APONTAMENTOS DE HISTÓRIA SOBRENATURAL

A beleza dos versos impressos em livro
– serena beleza com algo de eternidade –
Antes que venha conturbá-los a voz das declamadoras.
Ali repousam eles, misteriosos cântaros,
Nas suas frágeis prateleiras de vidro...
Ali repousam eles...imóveis e silenciosos.
Mas não mudos e iguais como esses mortos em suas
[tumbas.
Têm cada um, um timbre diverso de silêncio...
Só tua alma distingue seus diferentes passos,
Quando o único rumor em teu quarto
É quando voltas, de alma suspensa – mais uma página
Do livro... Mas um verso fere teu peito como
[a espada de um anjo.
E ficas como se tivesses feito, sem querer, um milagre...
Oh! Que revoada, que revoada de asas!

ELEGIA

Há coisas que a gente não sabe nunca o que fazer

[com elas...

Uma velhinha sozinha numa gare.

Um sapato preto perdido do seu par: símbolo

Da mais absoluta viuvez.

As recordações das solteironas.

Essas gravatas

De um mau gosto tocante

Que nos dão as velhas tias.

As velhas tias.

Um novo parente que se descobre.

A palavra "quincúncio".

Esses pensamentos que nos chegam de súbito

[nas ocasiões mais impróprias.

Um cachorro anônimo que resolve ir seguindo a gente

[pela madrugada na cidade deserta.

Este poema, este pobre poema

Sem fim...

CANÇÃO DE INVERNO

O vento assobia de frio
nas ruas da minha cidade
enquanto a rosa-dos-ventos
eternamente despetala-se...

Invoco um tom quente e vivo
– o lacre num envelope? –
e a névoa, então, de um outro século
no seu frio manto envolve-me

Sinto-me naquela antiga Londres
onde eu queria ter andado
nos tempos de Sherlock – o Lógico
e de Oscar – pobre Mágico...

Me lembro desse outro Mário
entre as ruínas de Cartago,
mas só me indago: – Aonde irão
morar os nossos fantasmas?!

E o vento, que anda perdido
Nas ruas novas da Cidade,
ainda procura, em vão,
ler os antigos cartazes.

O ESPELHO

E como eu passasse por diante do espelho
não vi meu quarto com as suas estantes
nem este meu rosto
onde escorre o tempo.

Vi primeiro uns retratos na parede:
janelas onde olham avós hirsutos
e as vovozinhas de saia-balão
Como pára-quedistas às avessas que subissem do
[fundo do tempo.

O relógio marcava a hora
mas não dizia o dia. O Tempo,
desconcertado,
estava parado.

Sim, estava parado
em cima do telhado...
como um catavento que perdeu as asas!

O AUTO-RETRATO

No retrato que me faço
– traço a traço –
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco
– pouco a pouco –
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!

MUNDOS

Um elevador lento e de ferragens *Belle Époque*
me leva ao antepenúltimo andar do Céu,
cheio de espelhos baços e de poltronas como o *hall*
de qualquer um antigo Grande Hotel,

mas deserto, deliciosamente deserto
de jornais falados e outros fantasmas da TV,
pois só se vê, ali, o que ali se vê
e só se escuta mesmo o que está bem perto:

é um mundo nosso, de tocar com os dedos,
não este – onde a gente nunca está, ao certo,
no lugar em que está o próprio corpo

mas noutra parte, sempre do lado de lá!
não, não este mundo – onde um perfil é paralelo ao outro
e onde nenhum olhar jamais se encontrará...

PEQUENO POEMA DIDÁTICO

O tempo é indivisível. Dize,
Qual o sentido do calendário?
Tombam as folhas e fica a árvore,
Contra o vento incerto e vário.

A vida é indivisível. Mesmo
A que se julga mais dispersa
E pertence a um eterno diálogo
A mais inconstante conversa.

Todos os poemas são um mesmo poema,
Todos os porres são o mesmo porre,
Não é de uma vez que se morre...
Todas as horas são horas extremas!

OLHO AS MINHAS MÃOS

Olho as minhas mãos: elas só não são estranhas
Porque são minhas. Mas é tão esquisito distendê-las
Assim, lentamente, como essas anêmonas do fundo
[do mar...
Fechá-las, de repente,
Os dedos como pétalas carnívoras!
Só apanho, porém, com elas, esse alimento impalpável
[do tempo,
Que me sustenta, e mata, e que vai secretando o
[pensamento
Como tecem as teias as aranhas.
A que mundo
Pertencço?
No mundo há pedras, baobás, panteras,
Águas cantarolantes, o vento ventando
E no alto as nuvens improvisando sem cessar.
Mas nada, disso tudo, diz: "existo".
Porque apenas existem...
Enquanto isto,
O tempo engendra a morte, e a morte gera os deuses
E, cheios de esperança e medo,
Oficiamos rituais, inventamos
Palavras mágicas,
Fazemos
Poemas, pobres poemas

Que o vento
Mistura, confunde e dispersa no ar...
Nem na estrela do céu nem na estrela do mar
Foi este o fim da Criação!
Mas, então,
Quem urde eternamente a trama de tão velhos sonhos?
Quem faz – em mim – esta interrogação?

POEMA

O grilo procura
no escuro
o mais puro diamante perdido.

O grilo
com as suas frágeis britadeiras de vidro
perfura

as implacáveis solidões noturnas.

E se o que tanto busca só existe
em tua límpida loucura

– que importa? –

isso
exatamente isso
é o teu diamante mais puro!

POEMA OLHANDO UM MURO

Do
escuro do meu quarto
– imóvel como um felino, espio
a lagartixa imóvel sobre o muro: mal sabe ela
da sua presença ornamental, daquele
verde
intenso
na lividez mortal
da pedra... ah, nem sei eu também o que procuro,
há tanto...
nesta minha eterna espreita!
Pertencço acaso à raça dos mutantes?
Ou
sou, talvez
– em meio às espantosas aparências de algum mundo
[estranho –
um espião que houvesse esquecido seu código, a
[sua sigla, tudo...
– menos
a gravidade da sua missão!

O MORITURO

Por que é que assim, com suas caras imóveis e simiescas,
os vivos nos devassam num cínico impudor?

Por que nos olham assim – como se fôssemos cousas –
quando os nossos traços vão repousando, enfim,
na tranqüila dignidade da morte?

Por que é que eles, com a sua obscena curiosidade,
não respeitam o até mais íntimo da nossa vida
– ato que deveria ser testemunhado apenas pelos Anjos?

Ah, que Deus me guarde na hora da minha morte, amén,
que Deus me guarde da humilhação deste espetáculo
e me livre de todos, de todos eles:

não quero os seus olhos pousando como moscas

[na minha cara.

Quero morrer na selva de algum país distante...

Quero morrer sozinho como um bicho!

O VELHO DO ESPELHO

Por acaso, surpreendo-me no espelho: quem é esse
Que me olha e é tão mais velho do que eu?
Porém, seu rosto... é cada vez menos estranho...
Meu Deus, Meu Deus...Parece
Meu velho pai - que já morreu!
Como pude ficarmos assim?
Nosso olhar – duro – interroga:
"O que fizeste de mim?!"
Eu, Pai?! Tu é que me invadiste,
Lentamente, ruga a ruga... Que importa? Eu sou, ainda,
Aquele mesmo menino teimoso de sempre
E os teus planos enfim lá se foram por terra.
Mas sei que vi, um dia – a longa, a inútil guerra! –
Vi sorrir, nesses cansados olhos, um orgulho triste...

CAVALO DE FOGO

Mas a minha mais remota recordação
só muito tempo depois eu vim a saber que era um
[cometa

e precisamente o cometa de Halley
– maravilhoso Cavalo Celestial! –
com a sua longa cauda vermelha atravessando,
[ondulante, de lado a lado,
bem sobre o meio do mundo,
a noite misteriosa do patio...
Jamais esquecerei a sua aparição
porque
naquele tempo de espantos e encantos
o cometa de Halley não se contentava em parecer
[um cavalo, apenas:
o cometa de Halley era um cavalo!

PRESENÇA

Para Lara de Lemos

É preciso que a saudade desenhe tuas linhas perfeitas,
teu perfil exato e que, apenas, levemente, o vento
das horas ponha um frêmito em teus cabelos...
É preciso que a tua ausência trescale
sutilmente no ar, a trevo machucado,
a folhas de alecrim desde há muito guardadas
não se sabe por quem nalgum móvel antigo...
Mas é preciso, também, que seja como abrir uma janela
e respirar te, azul e luminosa, no ar.
É preciso a saudade para eu te sentir
como sinto – em mim – a presença misteriosa da vida...
Mas quando surges és tão outra e múltipla e imprevista
que nunca te pareces com o teu retrato...
E eu tenho de fechar meus olhos para ver-te!

A MORTE É QUE ESTÁ MORTA

Para José Régio

A morte é que está morta.
Ela é aquela Princesa Adormecida
no seu claro jazigo de cristal.
Aquele a quem, um dia – enfim –, despertarás...

E o que esperavas ser teu suspiro final
é o teu primeiro beijo nupcial!

– Mas como é que eu te receava tanto
(no teu encantamento lhe dirás)
e como podes ser assim – tão bela?!
Nas tantas buscas, em que me perdi,
vejo que cada amor tinha um pouco de ti...

E ela, sorrindo, compassiva e calma:

– E tu, por que é que me chamavas Morte?
Eu sou, apenas, tua Alma...

**EU QUERIA TRAZER-TE UNS VERSOS
MUITO LINDOS**

Eu queria trazer-te uns versos muito lindos
colhidos no mais íntimo de mim...
Suas palavras
seriam as mais simples do mundo,
porém não sei que luz as iluminaria
que terias de fechar teus olhos para as ouvir...
Sim! Uma luz que viria de dentro delas,
como essa que acende inesperadas cores
nas lanternas chinesas de papel.
Trago-te palavras, apenas... e que estão escritas
do lado de fora do papel... Não sei, eu nunca soube
o que dizer-te
e este poema vai morrendo, ardente e puro, ao vento
da Poesia...
como
uma pobre lanterna que incendiou!

A CARTA

Hoje encontrei dentro de um livro uma velha carta
[amarelecida,
Rasguei a sem procurar ao menos saber de quem seria...
Eu tenho um medo
Horrível
A essas marés montantes do passado,
Com suas quilhas afundadas, com
Meus sucessivos cadáveres amarrados aos mastros
[e gáveas...
Ai de mim,
Ai de ti, ó velho mar profundo,
Eu venho sempre à tona de todos os naufrágios!

NOTURNO III

Os cuidados se foram, ou tomaram
Estranhas máscaras de sonho...

Teus cabelos de náufrago
Estão bordados no brancor da fronha.

E onde foste arranjar essas mãos de cera
Que parecem levemente Luminosas no escuro?

Toda a casa encalhou nalgum porto noturno:
Ninguém no cais deserto...

Apagaram-se os grilos,
As estrelas estão imóveis e tristes como num mapa
[sideral.

Nunca estiveram também tão fixos os olhos dos
[retratos,
Como se fossem apenas fotografias.

O único rumor de vida,
Esse vem de muito, muito Longe: o pobre arroio antigo

Gota a gota a fluir no soluço da pia!

IF...

E até hoje não me esqueci
Do Anjo da Anunciação no quadro de Botticelli:
Como pode alguém
Apresentar-se ao mesmo tempo tão humilde e cheio
[de tamanha dignidade?
Oh! tão soberanamente inclinado...
Se pudéssemos ser como ele!
Os Anjos dão tudo de si
Sem jamais se despirem de nada.

ENTRE-SONO

A manhã se debruça ao peitoril,
Não sei por que está gritando: abril, abril!
Há, por vezes, manhãs que são sempre de abril...
A manhã, com todas as suas árvores ao vento,
Traz-me as primeiras notícias da frota do Descobrimento,
Sem reparar na presença dos arranha-céus.
Mas eu nem abro os olhos: vou dormir...
Creio que ainda chegarei a tempo
Para a Primeira Missa no Brasil.

CADEIRA DE BALANÇO

Quando elas se acordam
do sono, se espantam
das gotas de orvalho
na orla das saias,
dos fios de relva
nos negros sapatos,
quando elas se acordam
na sala de sempre,
na velha cadeira
em que a morte as embala...

E olhando o relógio
de junto à janela
onde a única hora,
que era a da sesta,
parou como gota que ia cair,
perpassa no rosto
de cada avozinha

um susto do mundo
que está deste lado...

Que sonho sonhei
que sinto inda um gosto
de beijo apressado?

– diz uma e se espanta:
Que idade terei?
Diz outra: – Eu corria
menina em um parque...
e como saberia
o tempo que era?

Os pensamentos delas
já não têm sentido...

A morte as embala,
as avozinhas dormem
na deserta sala
onde o relógio marca
a nenhuma hora

enquanto suas almas
vêm sonhar no tempo
o sonho vão do mundo...
e depois se acordam
na sala de sempre

na velha cadeira
em que a morte as embala...

O MORTO

Eu estava dormindo e me acordaram
E me encontrei, assim, num mundo estranho e louco...

E quando eu começava a compreendê-lo
Um pouco,
Já eram horas de dormir de novo.

O MAPA

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...

(É nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...

Ha tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)

Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso

Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,

Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)

E talvez de meu repouso...

SESTA ANTIGA

A ruazinha lagarteando ao sol.
O coreto de música deserto
Aumenta ainda mais o silêncio.
Nem um cachorro.
Este poeminho,
Brotado áspero e quebradiço,
é a única coisa do mundo.

CARTA DESESPERADA

Como é difícil, como é difícil, Beatriz, escrever uma
[carta...

Antes escrever os Lusíadas!

Com uma carta pode acontecer

Que qualquer mentira venha a ser verdade...

Olha! O melhor é te descrever, simplesmente,

A paisagem,

Descrever sem nenhuma imagem, nenhuma...

Cada coisa é ela própria a sua maravilhosa imagem!

Agora mesmo parou de chover.

Não passa ninguém. Apenas

Um gato

Atravessa a rua

Como nos tempos quase imemoriais

Do cinema silencioso...

Sabes Beatriz? Eu vou morrer!

TIA ÉLIDA

Sua alma dilacerada pelas renas da madrugada

Enevoa a minha vidraça.

“Deixaste mais uma vez a lâmpada acesa!” – diz ela.

Essa tia Élida...

Tão viva, a coitada,

Que eu ainda me irrita com ela!

ESTE QUARTO...

Para Guilhermina César

Este quarto de enfermo, tão deserto
de tudo, pois nem livros eu já leio
e a própria vida eu a deixei no meio
como um romance que ficasse aberto...

que me importa este quarto, em que desperto
como se despertasse em quarto alheio?
Eu olho é o céu! imensamente perto,
o céu que me descansa como um seio.

Pois só o céu é que está perto, sim,
tão perto e tão amigo que parece
um grande olhar azul pousado em mim.

A morte deveria ser assim:
um céu que pouco a pouco anoitecesse
e a gente nem soubesse que era o fim...

OS PARCEIROS

Sonhar é acordar-se para dentro:
de súbito me vejo em pleno sonho
e no jogo em que todo me concentro
mais uma carta sobre a mesa ponho.

Mais outra! É o jogo atroz do Tudo ou Nada!
E quase que escurece a chama triste...
E, a cada parada uma pancada,
o coração, exausto, ainda insiste.

Insiste em quê? Ganhar o quê? De quem?
O meu parceiro... eu vejo que ele tem
um riso silencioso a desenhar-se

numa velha caveira carcomida.
Mas eu bem sei que a morte é seu disfarce...
Como também disfarce é a minha vida!

PARA TELMO VERGARA

Era uma rua tão antiga, tão distante
que ainda tinha crepúsculos, a desgraçada...
Acheguei-me a ela com este velho coração palpitante
de quem tornasse a ver uma primeira namorada

em todo o seu feitiço do primeiro instante.
E a noite, sobre a rua, era toda estrelada...
havia, aqui e ali, cadeiras na calçada...
E o quanto me lembrei, então, de um amigo constante,

dos que, na pressa de hoje, nem se usam mais
como essas velhas ruas que parecem irreais
e a gente, ao vê-las, diz: "Meu Deus, mas isto
[é um sonho!]"

Sonhos nossos? Não tanto, ao que suponho...
São os mortos, os nossos pobres mortos que,
[saudosamente,
estão sonhando o mundo para a gente!

O POETA E A ODE

Sua firme elegância.
Sua força contida.
O poeta da ode
É um cavalo de circo.

Em severa medida
Bate o ritmo dos cascos.
De momento a momento,
Impacto implacável,
Tomba o acento na sílaba.

Dura a crina de bronze.
Rijo o pescoço alto.
Quem lhe sabe da tensa
Fúria, do sagrado
Ímpeto de vôo?

Nobre animal, o poeta.

QUINTA COLUNA

Te lembrás dos tempos em que se falava na

[Quinta Coluna?

Felizes tempos aqueles – porque eram tempos de guerra

E a gente pensava que tudo ia melhorar depois...

– Mas quando?!

Apenas restou, entre nós, a Quinta Coluna dos Poetas.

Sim! Nós é que somos os verdadeiros visitantes do

[Futuro

– não esses que os ingênuos autores de FC andaram

[espalhando por aí

E temos agora tantas, tantas coisas que denunciar neste

[mundo louco...

– Mas a quem?!

POEMA TRANSITÓRIO

Eu que nasci na Era da Fumaça: – trenzinho
vagaroso com vagarosas
paradas
em cada estaçõzinha pobre
para comprar
 pastéis
 pés-de-moleque
 sonhos
– principalmente sonhos!
porque as moças da cidade vinham olhar o trem passar:
elas suspirando maravilhosas viagens
e a gente com um desejo súbito de ali ficar morando
sempre... Nisto,
o apito da locomotiva
e o trem se afastando
e o trem arquejando
é preciso partir
é preciso chegar
é preciso partir é preciso chegar... Ah, como esta vida é
 [urgente!
... no entanto
eu gostava era mesmo de partir...
e – até hoje – quando acaso embarco
para alguma parte
acomodo-me no meu lugar

fecho os olhos e sonho:
viajar, viajar
mas para parte nenhuma...
viajar indefinidamente...
como uma nave espacial perdida entre as estrelas.

O HOMEM DO BOTÃO

Quando esta velha nave espacial do mundo for um
[dia a pique
Não haverá *iceberg* nenhum que o explique... Apenas
Um de nós, em desespero
– como quem se livra de terrível dor de cabeça
[com uma bala rápida no ouvido –
Vai apertar primeiro o botão:
Clic!
Tão simples... E os mais espertos venderão,
A preços populares, arquibancadas na Lua
Ou caríssimos camarotes de luxo
Para que possam todos assistir à nossa ÚLTIMA
[FUNÇÃO.
O perigo
É que a arquibancada desabe
Ou que a própria Lua venha a cair no caldeirão fervente,
Enquanto isso, Deus, que afinal é clemente,
Põe-se a cogitar na criação, em outro mundo,
De uma nova humanidade
– sem livre-arbítrio –
Principalmente sem livre-arbítrio...
Mas com esse puro instinto animal
Que o homem do botão atribuía apenas às espécies
[inferiores.

ERA UM LUGAR

Era um lugar em que Deus ainda acreditava na gente...

Verdade

que se ia à missa quase só para namorar

mas tão inocentemente

que não passava de um jeito, um tanto diferente,

de rezar

enquanto, do púlpito, o padre clamava possesso

contra pecados enormes.

Meu Deus, até o Diabo envergonhava-se.

Afinal de contas, não se estava em nenhuma Babilônia...

Era, tão só, uma cidade pequena,

com seus pequenos vícios e suas pequenas virtudes:

um verdadeiro descanso para a malícia dos Anjos

com suas espadas de fogo.

– um amor!

Agora,

aquela antiga cidadezinha está dormindo para sempre

em sua redoma azul, em um dos museus do Céu.

O DESCOBRIDOR

Ah, essa gente que me encomenda
Um poema
com tema...

Como eu vou saber, pobre arqueólogo do futuro,
O que inquietamente procuro
em minhas escavações do ar?

Nesse futuro,
tão imperfeito,
vão dar,
desde o mais inocente nascimento,
suntuosas princesas mortas há milênios,
palavras desconhecidas mas com todas as letras
[misteriosamente acesas,
palavras quotidianas
enfim libertas de qualquer objeto.

E os objetos...

Os atônitos objetos que não sabem mais o que são
no terror delicioso
da Transfiguração!

MARIA

Que linda estavas no dia
Da Primeira Comunhão,
Toda de branco, Maria,
Com rosas brancas na mão.

Nossa Senhora esquecia
Ao ver-te, a sua aflição,
E eu, contrito – que heresia! –
Te rezava uma oração.

Pois quando te vi, de joelhos,
Pousar os lábios vermelhos
Nos pés do Cristo, supus

Que eras Santa Teresinha,
A mais linda e mais novinha
Das esposas de Jesus!

(1923)

TORRE AZUL

É preciso construir uma torre

– uma torre azul para os suicidas.

Têm qualquer coisa de anjo esses suicidas voadores,
qualquer coisa de anjo que perdeu as asas.

É preciso construir-lhes um túnel

– um túnel sem fim e sem saída

e onde um trem viajasse eternamente
como uma nave em alto-mar perdida.

É preciso construir uma torre...

é preciso construir um túnel...

É preciso morrer de puro,
puro amor!...

OS ARROIOS

Os arroios são rios guris...
Vão pulando e cantando dentre as pedras.
Fazem borbulhas d'água no caminho: bonito!
Dão vau aos burricos,
às belas morenas,
curiosos das pernas das belas morenas.
E às vezes vão tão devagar
que conhecem o cheiro e a cor das flores
que se debruçam sobre eles nos matos que atravessam
e onde parece quererem sestar.
Às vezes uma asa branca roça-os, súbita emoção
como a nossa se recebêssemos o miraculoso encontro
de um Anjo...
Mas nem nós nem os rios sabemos nada disso.
Os rios tresandam óleo e alcatrão
e refletem, em vez de estrelas,
os letreiros das firmas que transportam utilidades.
Que pena me dão os arroios,
os inocentes arroios...

DEIXA-ME SEGUIR PARA O MAR

Tenta esquecer-me... Ser lembrado é como
evocar-se um fantasma... Deixa-me ser
o que sou, o que sempre fui, um rio que vai fluindo...

Em vão, em minhas margens cantarão as horas,
me recamarei de estrelas como um manto real,
me bordarei de nuvens e de asas,
às vezes virão em mim as crianças banhar-se...

Um espelho não guarda as coisas refletidas!
E o meu destino é seguir... é seguir para o Mar,
as imagens perdendo no caminho...
Deixa-me fluir, passar, cantar...

toda a tristeza dos rios
Sé não poderem parar!

NOTURNO DA VIAÇÃO FÉRREA

Ora, os fantasmas são viajantes noturnos.
Se aboletam nos carros vazios e ficam
(por que será que os fantasmas não fumam?)
a olhar o mundo que desliza...
Mas sucede que as máquinas estavam manobrando
[apenas.

E depois veio a luz crescente, a luz cruel,
situando e ambientando as coisas.
E quando surgem, cabalísticos, os primeiros letreiros:
Hotel Savóia, Ao Pente de Ouro, Saúde da Mulher,
os fantasmas, puídos de claridade,
soltam um suspiro e se desvanecem.

QUERIAS QUE EU FALASSE DE "POESIA"

Querias que eu falasse de "poesia" um pouco
mais... e desprezasse o quotidiano atroz...
querias... era ouvir o som da minha voz
e não um eco – apenas – deste mundo louco!

Mas quê te dar, pobre criança, em troco
de tudo que esperavas, ai de nós:
é que eu sou oco... oco... oco...
como o Homem de Lata do "Mágico de Oz"!

Tu o lembras, bem sei... ah! o seu horror
imenso às lágrimas... Porque decerto se enferrujaria...
E tu... Como um lírio do pântano tu me querias,
como uma Chuva de ouro a te cobrir devagarinho,
um pássaro de luz... Mas, haverá maior poesia
do que este meu desesperar-me eterno da poesia?!

PARECE UM SONHO...

"Parece um sonho que ela tenha morrido!"
diziam todos... Sua Viva imagem
tinha carne!... E ouvia-se, na aragem,
passar o frêmito do seu vestido...

E era como se ela houvesse partido
e logo fosse regressar da viagem...
– até que em nosso coração dorido
a Dor cravava o seu punhal selvagem!

Mas tua imagem, nosso amor, é agora
menos dos olhos, mais do coração.
Nossa saudade te sorri: não chora...

Mais perto estás de Deus, como um anjo querido.
E ao relembrar-te a gente diz, então:
"Parece um sonho que ela tenha vivido!"

INVITATION AU VOYAGE

Se cada um de vós, ó vós outros da televisão
– vós que viajais inertes
como defuntos num caixão –
se cada um de vós abrisse um livro de poemas...
faria uma verdadeira viagem...
Num livro de poemas se descobre de tudo, de tudo
[mesmo!
– Inclusive o amor e outras novidades.

O ÚLTIMO CRIME DA MALA

Na mala que nem o Anjo da Guarda,
Nem o Delegado do Distrito,
Nem eu mesmo consigo encontrar,
está a minha imagem única, fechada a chave
– e a chave caída no fundo do mar!
Não adianta chamar escafandros,
nem homens-rãs,
nem a sereia mais querida,
nem os atenciosos hipocampos, de que adianta?!
Não existem vestígios de mim...

OS CEGUINHOS

Um dia, um ceguinho de nascença...

– pois bem, para ser mais explícito e para

[conservar por mais algum tempo a sua

[passageira imagem neste mundo –

um dia

numa daquelas nossas conversas de bar,

o sanfonista Artur Elsner me confessou:

"Bem sei que, para vocês, eu, teoricamente, estou nas

[trevas.

Teoricamente?! pensei, num comovido espanto.

Talvez no mesmo silencioso espanto com que os anjos

[escutam

as palavras que digo

dentro da minha treva iluminada.

A MISSA DOS INOCENTES

Se não fora abusar da paciência divina
Eu mandaria rezar missa pelos meus poemas que não
[conseguiram ir além da terceira ou quarta linha,
Vítimas dessa mortalidade infantil que, por ignorância
[dos pais,
Dizima as mais inocentes criaturinhas, as pobres...
Que tinham tanto azul nos olhos,
Tanto que dar ao mundo!
Eu mandaria rezar o réquiem mais profundo
Não só pelos meus
Mas por todos os poemas inválidos que se arrastam
[pelo mundo
E cuja comovedora beleza ultrapassa a dos outros
Porque está, antes e depois de tudo,
No Seu inatingível anseio de beleza!

OS DEGRAUS

Não desças os degraus do sonho
Para não despertar os monstros.
Não subas aos sótãos –onde
Os deuses, por trás das suas máscaras,
Ocultam o próprio enigma.
Não desças, não subas, fica.
O mistério está é na tua vida!
E é um sonho louco este nosso mundo...

ALMA ERRADA

Há coisas que a minha alma, já tão mortificada, não
[admite:

assistir novelas de TV

ouvir música Pop

um filme apenas de corridas de automóvel

uma corrida de automóvel num filme

um livro de páginas ligadas

porque, sendo bom, a gente abre sofregamente a dedo:

espátulas não há... e quem é que hoje faz questão de

[virgindades...

E quando minha alma estraçalhada a todo instante pelos

[telefones

fugir desesperada

me deixará aqui,

ouvindo o que todos ouvem, bebendo o que todos bebem,

comendo o que todos comem.

A estes, a falta de alma não incomoda. (Desconfio até

que minha pobre alma fora destinada ao habitante de

[outro mundo).

E ligarei o rádio a todo volume,

gritarei como um possesso nas partidas de futebol,

seguirei, irresistivelmente, o desfilar das grandes paradas

[do Exército.

E apenas sentirei, uma vez que outra,

a vaga nostalgia de não sei que mundo perdido...

Num país de nostálgicos nevoeiros,
de paisagens em lenta mutação,
largarei de repente o meu bordão...
E hão de pasmar os outros caminheiros!

E andando como a lua nos outeiros
ao encontro da lenta procissão,
pousarias a mão na minha mão...
enamorados sempre... e sempre companheiros!

E diante de tão doces aparências
quem diria que em duas existências
nos separara o mundo – anos inteiros!

E, sentados à sombra de uns olmeiros,
trocaríamos falsas confidências...
cheias de sentimentos verdadeiros!

O OLHAR

O último olhar do condenado não é nublado
[sentimentalmente por lágrimas
nem iludido por visões quiméricas.

O último olhar do condenado é nítido como uma
[fotografia:
vê até a pequenina formiga que sobe acaso pelo rude
[braço do verdugo,
vê o frêmito da última folha no alto daquela árvore,
[além...

Ao olhar do condenado nada escapa, como ao olhar de
[Deus

– um porque é eterno,
o outro porque vai morrer.

O olhar do poeta é como o olhar de um condenado...
como o olhar de Deus...

DATA E DEDICATÓRIA

Teus poemas, não os dates nunca... Um poema
Não pertence ao Tempo... Em seu país estranho,
Se existe hora, é sempre a hora extrema
Quando o Anjo Azrael nos estende ao sedento
Lábio o cálice inextinguível...
Um poema é de sempre, Poeta:
O que tu fazes hoje é o mesmo poema
Que fizeste em menino,
É o mesmo que,
Depois que tu te fores,
Alguém lerá baixinho e comovidamente,
A vivê-lo de novo...
A esse alguém,
Que talvez nem tenha ainda nascido,
Dedica, pois, teus poemas.
Não os dates, porém:
As almas não entendem disso...

AS MENINAZINHAS

Queridas unhinhas róseas... bocas
de úmida, fresca avidez,
de onde todas as notas, loucas,
querem fugir de uma só vez...
Olhinhos de água tão pura
que nada há que os espante...
Sensível narina aflante...
Inquieta mão que procura...
Indeciso quadril, mas já
com aquele feminino encanto...
Sobancelhinhas: um veludo...
Orelhas, dedinhos... Ah,
nem queiras saber tudo quanto
elas prometem à vida...

SONETO PÓSTUMO

– Boa-tarde... – Boa-tarde! – E a doce amiga
E eu, de novo, lado a lado vamos!
Mas há um não sei quê, que nos intriga:
Parece que um ao outro procuramos...

E, por piedade ou gratidão, tentamos
Representar de novo a história antiga.
Mas vem-me a idéia... nem sei como a diga...
Que fomos outros que nos encontramos!

Não há remédio: é separar-nos, pois.
E as nossas mãos amigas se estenderam:
– Até breve! – Até breve! – E, com espanto

Ficamos a pensar nos outros dois.
Aqueles dois que há tanto já morreram...
E que, um dia, se quiseram tanto!

1952

UMA ALEGRIA PARA SEMPRE

Para Elena Quintana

As coisas que não conseguem ser
olvidadas continuam acontecendo.
Sentimo-las como da primeira vez,
sentimo-las fora do tempo,
nesse mundo do sempre onde as
datas não datam. Só no mundo do nunca
existem lápides... Que importa se –
depois de tudo – tenha "ela" partido,
casado, mudado, sumido, esquecido,
enganado, ou que quer que te haja
feito, em suma? Tiveste uma parte da
sua vida que foi só tua e, esta, ela
jamais a poderá passar de ti para ninguém.
Há bens inalienáveis, há certos momentos que,
ao contrário do que pensas,
fazem parte de tua vida presente
e não do teu passado. E abrem-se no teu
sorriso mesmo quando, deslembrado deles,
estiveres sorrindo a outras coisas.
Ah, nem queiras saber o quanto
deves à ingrata criatura...
A thing of beauty is a joy for ever
– disse, há cento e muitos anos, um poeta
inglês que não conseguiu morrer.

ASTROLOGIA

Minha estrela não é a de Belém:
A que, parada, aguarda o peregrino.
Sem importar-se com qualquer destino
A minha estrela vai seguindo além...

– Meu Deus, o que é que esse menino tem? –
Já suspeitavam desde eu pequenino.
O que eu tenho? É uma estrela em desatino...
E nos desentendemos muito bem!

E quando tudo parecia a esmo
E nesses descaminhos me perdia
Encontrei muitas vezes a mim mesmo...

Eu temo é uma traição do instinto
Que me liberte, por acaso, um dia
Deste velho e encantado Labirinto

UM CÉU COMUM

No Céu vou ser recebido
com uma banda de música.
Tocarão um dobradinho
daqueles que nós sabemos
– pois nada mais celestial
do que a música que um dia ouvimos
no coreto municipal
de nossa cidadezinha...
Não haverá cítaras nem liras
– quem pensam vocês que eu sou?
E os anjinhos estarão vestidos
no uniforme da banda,
com os sovacos bem suados
e os sapatos apertando.
Depois, irei tratar da vida
como eles tratam da sua...

ESCONDERIJOS DO TEMPO

OS POEMAS

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.

Quando fechas o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.

Eles não têm pouso
nem porto

alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.

E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

SE O POETA FALAR NUM GATO

Se o poeta falar num gato, numa flor,
num vento que anda por descampados e desvios
e nunca chegou à cidade...
se falar numa esquina mal e mal iluminada...
numa antiga sacada... num jogo de dominó...
se falar naqueles obedientes soldadinhos de chumbo que
[morriam de verdade...
se falar na mão decepada no meio de uma escada
de caracol...
Se não falar em nada
e disser simplesmente tralalá... Que importa?
Todos os poemas são de amor!

INTERMEZZO

Nem tudo pode estar sumido
ou consumido...

Deve – forçosamente – a qualquer instante,
formar-se, pobre amigo, uma bolha de tempo nessa
[Eternidade...

e onde

– o mesmo *barman* no mesmo balcão,
por trás a esplêndida biblioteca de garrafas,
fonte da nossa colorida erudição –
haveremos de continuar aquela nossa velha discussão
sobre tudo e nada
até
que, fartos de tudo e nada,
desta e da outra vida,
a rir como uns perdidos,
a chorar como uns danados,
beberemos os dois nos crânios um do outro...
até o teto desabar!

(Perdão! até a bolha rebentar...)

VIDA

Não sei
o que querem de mim essas árvores
essas velhas esquinas
para ficarem tão minhas só de as olhar um momento.

Ah! se exigirem documentos aí do Outro Lado,
extintas as outras memórias,
só poderei mostrar-lhes as folhas soltas de um álbum
[de imagens:
aqui uma pedra lisa, ali um cavalo parado
ou
uma
nuvem perdida,
perdida...

Meu Deus, que modo estranho de contar uma vida!

PREPARATIVOS PARA A VIAGEM

Uns vão de guarda chuva e galochas,
outros arrastam um baú de guardados...

Inúteis precauções!

Mas,

se lewares apenas as visões deste lado,
nada te será confiscado:

todo mundo respeita os sonhos de um ceguinho
– a sua única felicidade!

E os próprios Anjos, esses que fitam eternamente a face
[do Senhor...

os próprios Anjos te invejarão.

A CASA GRANDE

...mas eu queria ter nascido numa dessas casas de
[meia-agua
com o telhado descendo logo após as fachadas
só de porta e janela
e que tinham, no século, o carinhoso apelido
de cachorros sentados.
Porém nasci em um solar de leões.
(... escadarias, corredores, sótãos, porões, tudo isso...)
Não pude ser um menino da rua...
Aliás, a casa me assustava mais do que o mundo, lá fora.
A casa era maior do que o mundo!
E até hoje
– mesmo depois que destruíram a casa grande –
até hoje eu vivo explorando os seus esconderijos...

O BAÚ

Como estranhas lembranças de outras vidas,
que outros viveram, num estranho mundo,
quantas coisas perdidas e esquecidas
no teu baú de espantos... Bem no fundo,

uma boneca toda estraçalhada!
(isto não são brinquedos de menino...
alguma coisa deve estar errada)
mas o teu coração em desatino

te traz de súbito uma idéia louca:
é ela, sim! Só pode ser aquela,
a jamais esquecida Bem-Amada.

E em vão tentas lembrar o nome dela...
e em vão ela te fita... e a sua boca
tenta sorrir-te mas está quebrada!

RAY BRADBURY

Eu queria escrever uns versos para Ray Bradbury,
o primeiro que, depois da infância, conseguiu encantar-me
[com suas histórias mágicas
como no tempo em que acreditávamos no Menino Jesus
que vinha deixar presentes de Natal em nossos sapatos
[empoeirados de meninos
e nada tinha a ver com a impenetrável Santíssima
[Trindade,
Era no tempo das verdadeiras princesas,
nossas belíssimas primeiras namoradas
– não essas que saem periodicamente nos jornais.
Era no tempo dos reis verdadeiramente heráldicos como
[os das cartas de jogar
e do bravo São Jorge, com seu cavalo branco, sua lança
[e seu dragão.
Era no tempo em que o cavaleiro Dom Quixote
realmente lutava com gigantes,
os quais se disfarçavam em moinhos de vento.
Todo esse encantamento de uma idade perdida
Ray Bradbury o transportou para a Idade Estelar
e os nossos antigos balõezinhos de cor
agora são mundos girando no ar.
Depois de tantos anos de cínico materialismo
Ray Bradbury é a nossa segunda vovozinha velha
que nos vai desfiando suas histórias à beira do abismo
– e nos enche de susto, esperança e amor.

ALQUIMIAS

Naquela mistura
fumegante e colorida
que a pá
não pára de agitar
vê-se
o infinito olhar de um moribundo
o primeiro olhar de um primeiro amor
um trem a passar numa gare deserta
uma estrela remota um *pince-nez* perdido
o sexo do outro sexo
a mágica de um santo carregando sua própria cabeça
e de tudo
finalmente
evola-se o poema daquele dia
– que fala em coisa muito diferente...

AS CIDADES PEQUENAS

As moças das cidades pequenas
com o seu sorriso e o estampado claro de seus vestidos
são a própria vida. Elas
é que alvorotam a praça. Por elas
é que os sinos festivamente batem, aos domingos.
Por elas, e não para a missa!... Mas Deus não se
[importa... Afinal,
só nessas cidadezinhas humildes

é que ainda o chamam de Deus Nosso Senhor...

CRÔNICA

Sia Rosaura tirava a dentadura para comer
Por isso ela tinha o sorriso postiço mais sincero da
[minha rua
Dona Maruca fazia uns biscoitinhos minúsculos, estalantes
[e secos chamados mentirinhas
Eduviges era pálida e lia romances lacrimosos de Pérez
[Escrich
Tanto suspirou em cima deles que acabou fugindo com
[um caixeiro-viajante
O tempo se desenrolava como um rio por entre as casas
[de porta e janela
Pequenas vidas
Pequenos sonhos
Na noite imensa as estrelas eram como girândolas
[brancas que houvessem parado
Sentados à porta
– dois santos, dois mágicos, dois sábios –
meu velho tio Libório e o velho farmacêutico
propunham-se e compunham charadas
que depois orgulhosamente remetiam sob nomes
[supostos
para o grande anuário estatístico recreativo e literário
[da capital do Estado.

SOLAU À MODA ANTIGA

Senhora, eu vos amo tanto
Que até por vosso marido
Me dá um certo quebranto...

Pois que tem que a gente inclua
No mesmo alastrante amor
Pessoa, animal ou cousa
Ou seja lá o que for,
Só porque os banha o esplendor
Daquela a quem se ama tanto?
E, sendo desta maneira,
Não me culpeis, por favor,
Da chama que ardente abrasa,
O nome de vossa rua,
Vossa gente e vossa casa

E vossa linda macieira
Que ainda ontem deu flor...

xxxxxxxxxx

Quem disse que a poesia é apenas
agreste avena?
A poesia é a eterna Tomada da Bastilha

o eterno quebra-quebra
o enforcar de judas, executivos e catedráticos em todas
[as esquinas

e,
a um ruflar poderoso de asas,
entre cortinas incendiadas
os Anjos do Senhor estuprando as mais belas filhas
[dos mortais...

Deles, nascem os poetas.
Não todos... Os legítimos
espúrios:
um Rimbaud, um Poe, um Cruz e Souza...

(Rege-os, misteriosamente, o décimo terceiro signo do
[Zodíaco.)

O POETA CANTA A SI MESMO

O poeta canta a si mesmo
porque nele é que os olhos das amadas
têm esse brilho a um tempo inocente e perverso...

O poeta canta a si mesmo
porque num seu único verso
pende – lúcida, amarga –
uma gota fugida a esse mar incessante do tempo...

Porque o seu coração é uma porta batendo
a todos os ventos do universo.

Porque além de si mesmo ele não sabe nada
ou que Deus por nascer está tentando agora ansiosamente
[respirar
neste seu pobre ritmo disperso!

O poeta canta a si mesmo
porque de si mesmo é diverso.

A CANÇÃO DA VIDA

A vida é louca
a vida é uma sarabanda
é um corrupio...
A vida múltipla dá-se as mãos como um bando
de raparigas em flor
e está cantando
em torno a ti:
Como eu sou bela,
amor!
Entra em mim, como em uma tela
de Renoir
enquanto é primavera,
enquanto o mundo
não poluir
o azul do ar!
Não vás ficar
não vás ficar
aí...
como um salso chorando
na beira do rio...
(Como a vida é bela! como a vida é louca!)

AS MÃOS DE MEU PAI

As tuas mãos têm grossas veias como cordas azuis
sobre um fundo de manchas já da cor da terra
– como são belas as tuas mãos
pelo quanto lidaram, acariciaram ou fremiram da nobre
[cólera dos justos...

Porque há nas tuas mãos, meu velho pai, essa beleza
[que se chama simplesmente vida.

E, ao entardecer, quando elas repousam nos braços da
[tua cadeira predileta,
uma luz parece vir de dentro delas...

Virá dessa chama que pouco a pouco, longamente,
[vieste alimentando na terrível solidão
[do mundo,

como quem junta uns gravetos e tenta acendê-los contra
[o vento?

Ah! como os fizeste arder, fulgir, com o milagre das
[tuas mãos!

E é, ainda, a vida que transfigura as tuas mãos nodosas...
essa chama de vida – que transcende a própria vida
...e que os Anjos, um dia, chamarão de alma.

PREPARATIVOS DE VIAGEM

XXXXXXX

A louca agitação das vésperas de partida!
Com a algazarra das crianças atrapalhando tudo
E a gente esquecendo o que devia trazer,
Trazendo coisas que deviam ficar...
Mas é que as coisas também querem partir,
As coisas também querem chegar
A qualquer parte! – desde que não seja
Este eterno mesmo lugar...
E em vão o Pai procura assumir o comando:
Mas acabou-se a autoridade...
Só existe no mundo esta grande novidade:
VIAJAR!

QUEM DISSE QUE EU ME MUDEI?

Não importa que a tenham demolido:
A gente continua morando na velha casa
[em que nasceu.

PRIMEIRO POEMA DE ABRIL

Para Evelyn Berg

Vem vindo o abril tão belo em sua barca de ouro!
Um copo de cristal inventa as cores todas do arco-íris.
Eu procuro
As moedinhas de luz perdidas na grama dos teus
[olhos verdes.

E até onde, me diz,
Até onde irá dar essa veiazinha aqui?
(Abril é bom para estudar Corpografia!)

O GATO

O gato chega à porta do quarto onde escrevo.
Entrepara... hesita... avança...

Fita-me.
Fitamo-nos.

Olhos nos olhos...
Quase com terror!

Como duas criaturas incommunicáveis e solitárias
Que fossem feitas cada uma por um Deus diferente.

POEMINHA SENTIMENTAL

O meu amor, o meu amor, Maria
É como um fio telegráfico da estrada
Aonde vêm pousar as andorinhas...
De vez em quando chega uma
E canta
(Não sei se as andorinhas cantam, mas vá lá!)
Canta e vai-se embora
Outra, nem isso,
Mal chega, vai-se embora.
A última que passou
Limitou-se a fazer cocô
No meu pobre fio de vida!
No entanto, Maria, o meu amor é sempre o mesmo:
As andorinhas é que mudam.

O VELHO POETA

Velho? Mas como?! Se ele nasceu na manhã de hoje...
Não sabe o que fazer do mundo,
Das suas mãos,
De si mesmo,
Do seu sempre primeiro e penúltimo amor...
E quem diria? – o que ele mais teme na vida
[é o seu próximo poema!
Porque está sempre perigando sair tão
[comovedoramente ruinzinho
Como os primeiros poemas que ele escreveu menino...

SEMPRE QUE CHOVE

Sempre que chove
Tudo faz tanto tempo...
E qualquer poema que acaso eu escreva
Vem sempre datado de 1779!

O ÚLTIMO POEMA

Enquanto me davam a extrema-unção,

Eu estava distraído...

Ah, essa mania incorrigível de estar

[pensando sempre noutra coisa!

Aliás, tudo é sempre outra coisa

– segredo da poesia –

E, enquanto a voz do padre zumbia como um besouro,

Eu pensava era nos meus primeiros sapatos

Que continuavam andando , que continuam andando,

Até hoje

Pelos caminhos deste mundo.

A IMAGEM PERDIDA

Para Sérgio Faraco

Como essas coisas que não valem nada
E parecem guardadas sem motivo
(Alguma folha seca... uma taça quebrada)
Eu só tenho um valor estimativo...

Nos olhos que me querem é que eu vivo
Esta existência efêmera e encantada...
Um dia hão de extinguir-se e, então, mais nada
Refletirá meu vulto vago e esquivo...

E cerraram-se os olhos das amadas,
O meu nome fugiu de seus lábios vermelhos,
Nunca mais, de um amigo, o caloroso abraço...

E, no entretanto, em meio desta longa viagem,
Muitas vezes parei... e, nos espelhos,
Procuro, em vão, minha perdida imagem!

A COR DO INVISÍVEL

PORTO PARADO

No movimento

lento

das barcaças

amarradas

o dia,

sonolento

vai inventando as variações das nuvens...

AS ESTRELAS

Foram-se abrindo aos poucos as estrelas...
De margaridas lindo campo em flor!
Tão alto o Céu!... Pudesse eu ir colhê-las...
Diria alguma se me tens amor.

Estrelas altas! Que se importam elas?
Tão longe estão... Tão longe deste mundo...
Trêmulo bando de distantes velas
Ancoradas no azul do céu profundo...

Porem meu coração quase parava,
Lá foram voando as esperanças minhas
Quando uma, dentre aquelas estrelinhas,

Deus a guie! do céu se despencou...
Com certeza era o amor que tu me tinhas
Que repentinamente se acabou!

1934

CARTA

Eu queria trazer-te uma imagem qualquer
para os teus anos...
Oh! mas apenas este vazio doloroso
de uma sala de espera onde não está ninguém...
É que,
longe de ti, de tuas mãos milagrosas
de onde os meus versos voavam – pássaros de luz
a que deste vida com o teu calor –
é que longe de ti eu me sinto perdido
– sabes? –
desertamente perdido de mim!
Em vão procuro...
mas só vejo de bom, mas só vejo de puro
este céu que eu avisto da minha janela.
E assim, querida,
eu te mando este céu, todo este céu de Porto Alegre
e aquela
nuvenzinha
que está sonhando, agora, em pleno azul!

JARDIM INTERIOR

Todos os jardins deviam ser fechados,
Com altos muros de um cinza muito pálido,
onde uma fonte
pudesse cantar
sozinha
entre o vermelho dos cravos.
O que mata um jardim não é mesmo
alguma ausência
nem o abandono...
O que mata um jardim é esse olhar vazio
de quem por eles passa indiferente.

A MUDANÇA

Para a Sandra

A alegre, a festiva agitação das panelas e tachos
A inútil zanga dos velhos armários de mogno, solenes,
Achando tudo aquilo uma grande palhaçada...
As xícaras e pires fazendo tlin-tlin-tlin-tlin
As gaiolas dos passarinhos cantando em coro com os
[próprios passarinhos
Oh! a alegria das coisas com aquela mudança
Para onde? Não importa! Desde que não seja
Este eterno mesmo lugar!

MAGIAS

Os antigos retratos de parede
Não conseguem ficar por longo tempo abstratos.

As vezes os seus olhos te fitam, obstinados.
Porque eles nunca se desumanizam de todo.

Jamais te voltes para trás de repente:
Poderias pegá-los em flagrante.

Não, não olhes nunca!
O melhor é cantares cantigas loucas e sem fim...
Sem fim e sem sentido...
Dessas que a gente inventava para enganar a solidão
[dos caminhos sem lua.

O FUTURO

Na bola de cristal procuro o meu futuro:
futuro tão brilhante que aos olhos me faz mal...
Não, não esse brilho fácil das girândolas,
mas uma súbita, silenciosa explosão de cores
– prenúncio da total
subversão! –
até que então o Grande Mágico
regendo o novo Caos
(...e mesmo porque nada pode ser destruído...)
até que o Grande Mágico
– afinal –
com todos os espantosos subprodutos da última Bomba H
recomponha o milagre de cada indivíduo!

DEDICATÓRIA

Quem foi que disse que eu escrevo para as elites?
Quem foi que disse que eu escrevo para o *bas-fond*?
Eu escrevo para a Maria de Todo o Dia.
Eu escrevo para o João Cara de Pão.
Para você, que está com este jornal na mão...
E de súbito descobre que a única novidade é a poesia,
O resto não passa de crônica policial – social – política.
E os jornais sempre proclamam que "a situação é crítica!"
Mas eu escrevo é para o João e a Maria,
Que quase sempre estão em situação crítica!
E por isso as minhas palavras são quotidianas como o
[pão nosso de cada dia
E a minha poesia é natural e simples como a água bebida
[na concha da mão.

NÃO BASTA SABER AMAR...*Para Milton Quintana*

Neste mundo, que tanto mal encerra,
não basta saber amar,
mas também saber odiar,
não só servir à paz, mas também ir para a guerra.
Seguiremos assim o próprio exemplo
de Jesus, que tanto amor pregou na Terra...,
quando Ele,
num ímpeto de cólera,
a relhaço expulsou os vendilhões do templo!

INSCRIÇÃO PARA UM PORTÃO DE CEMITÉRIO

Na mesma pedra se encontram,
Conforme o povo traduz,
Quando se nasce, – uma estrela,
Quando se morre, – uma cruz.
Mas quantos que aqui repousam
Hão de emendar-nos assim:
"Ponham-me a cruz no princípio...
E a luz da estrela no fim!"

QUEM AMA INVENTA

Quem ama inventa as coisas a que ama...
Talvez chegaste quando eu te sonhava.
Então de súbito acendeu-se a chama!
Era a brasa dormida que acordava...
E era um revôo sobre a ruinação,
No ar atônito bimbalhavam sinos,
Tangidos por uns anjos peregrinos
Cujo dom é fazer ressurreições...
Um ritmo divino? Oh! Simplesmente
O palpitar de nossos corações
Batendo juntos e festivamente,
Ou sozinhos, num ritmo tristonho...
Ó! meu pobre, meu grande amor distante,
Nem sabes tu o bem que faz à gente
Haver sonhado... e ter vivido o sonho!

À MANEIRA DE JACQUES PRÉVERT

Um homem de visão com uma mulher de *vison*
Um homem público e uma mulher pública
A poluição diurna e as poluições noturnas
O rabo do olho num rabo de saia
Um gato escaldado e um cachorro-quente
Um tigre de Bengala e um gato de guarda-chuva

VERÃO

Quando os sapatos ringem

– quem diria?

São os teus pés que estão cantando!

O SILÊNCIO

O mundo, às vezes, fica-me tão insignificativo
Como um filme que houvesse perdido de repente o som.
Vejo homens, mulheres: peixes abrindo e fechando a
[boca num aquário
Ou multidões: macacos pula-pulando nas arquibancadas
[dos estádios...
Mas o mais triste é essa tristeza toda colorida dos
[carnavais
Como a maquiagem das velhas prostitutas fazendo
[trottoir.
Às vezes eu penso que já fui um dia um rei, imóvel no
[seu palanque,
Obrigado a ficar olhando
Intermináveis desfiles, torneios, procissões, tudo isso...
Oh! Decididamente o meu reino não é deste mundo!
Nem do outro...

O UMBIGO

O teu querido umbiguinho,
Doce ninho do meu beijo
Capital do meu Desejo,
Em suas dobras misteriosas,
Ouço a voz da natureza
Num eco doce e profundo,
Não só o centro de um corpo,
Também o centro do mundo!

ESTATÍSTICA

As crianças,
sem um tiro aliás,
e isso é que tornava o caso ainda mais espantoso,
morriam mais do que índios nos filmes norte-americanos.
E quando a gente acaso perguntava,
para se mostrar atencioso:
"Quantos filhos a senhora tem, Comadre?"
a comadre respondia, com ternura:
"Eu tenho quatro filhos e nove anjinhos..."

AS CIVILIZAÇÕES

As civilizações desabam

por implosão...

Depois,

como um filme passando às avessas

elas se erguem em câmera lenta do chão.

Não há de ser nada...

Os arqueólogos esperam, pacientemente,

A sua ocasião!

AH! OS RELÓGIOS

Amigos, não consultem os relógios
quando um dia eu me for de vossas vidas
em seus fúteis problemas tão perdidas
que até parecem mais uns necrológios...

Porque o tempo é uma invenção da morte:
não o conhece a vida – a verdadeira –
em que basta um momento de poesia
para nos dar a eternidade inteira.

Inteira, sim, porque essa vida eterna
somente por si mesma é dividida:
não cabe, a cada qual, uma porção

E os anjos entreolham-se espantados
quando alguém – ao voltar a si da vida –
acaso lhes indaga que horas são...

MATINAL

Entra o sol, gato amarelo, e fica
à minha espreita, no tapete claro.
Antes de abrir os olhos, sei que o dia
Virá olhar-me por detrás das árvores.

Ah! sentir-me ainda vivo sobre a face da Terra
enquanto a vida me devora...
Me espreguiço, entredurmo... O anjo da luz espera-me
Como alguém que vigiasse uma crisálida.

Pé ante pé, do leito, aproxima-se um verso
para a canção de despertar:
os ritmos do tráfego vibram como uma cigarra,

a tua voz nas minhas veias corre,
e alguns pedaços coloridos do meu sonho
devem andar por esse ar, perdidos...

EU ESCREVI UM POEMA TRISTE

Eu escrevi um poema triste
E belo apenas da sua tristeza.
Não vem de ti essa tristeza
Mas das mudanças do Tempo,
Que ora nos traz esperanças
Ora nos dá incerteza...
Nem importa, ao velho Tempo,
Que sejas fiel ou infiel...
Eu fico, junto à correnteza,

Olhando as horas tão breves...
E das cartas que me escreves
Faço barcos de papel!

POEMA

Tão nossa
e tão além
– a que mundo pertences, Greta Garbo?
Oh, desde os laranjais em flor:
Ana... Cristina... Margarida... tantas
e tantas... como te amei... Visão!
As outras
agora
é que me parecem irreais
– sombras que se esvaíram numa tela...
Tu? Não!
Instante e eternidade,
o teu sorriso é imemorial como as Pirâmides
e puro como a flor que abriu na manhã de hoje!

FANTÁSTICA

Ampla se estende a erma planície nua.
Cobre-a o funéreo manto do luar
E cada sombra no chão se recorta
Com nitidez de paisagem lunar.

Mas que imobilidade singular
Que as coisas têm! E que nudez! Aflito,
O ouvido indaga, espera... E nem um grito
Vem o imóvel silêncio apunhalar.

Mostra-se a Lua. A sua enorme face
Lembra um disco de prata formidando
Que um Titã aos Céus arremessasse;

Vem branca, branca, de um palor que pasma.
E enquanto vai a Lua transmuntando
Uiva lugubrementemente um cão fantasma.

1923

DO IDEAL

Como são belas
indizivelmente belas
essas estátuas mutiladas...
Porque nós mesmos lhes esculpimos
– com a matéria invisível do ar –
o gesto de um braço... uma cabeça anelada... um seio...
tudo o que lhes falta!

ESSA LEMBRANÇA QUE NOS VEM

Essa lembrança que nos vem às vezes...
folha súbita
que tomba
abrindo na memória a flor silenciosa
de mil e uma pétalas concêntricas...
Essa lembrança... mas de onde? de quem?
Essa lembrança talvez nem seja nossa,
mas de alguém que, pensando em nós, só possa
mandar um eco do seu pensamento
nessa mensagem pelos céus perdida...
Ai! tão perdida
que nem se possa saber mais de quem!

LÁGRIMA

Denso, mas transparente
Como uma lágrima...
Quem me dera
Um poema assim!
Mas...
Este rascar da pena! Esse
Ringir das articulações... Não Ouves?!
Ai do poema
Que assim escreve a mão infiel
Enquanto – em silêncio – a pobre alma
Pacientemente espera.

MAQUINAÇÕES DA INSÔNIA

Na meia-noite da memória
O relógio de meu pai
Abre-se ao meio como um fruto
O *pince-nez* de Tia Élida
Com seu frágil brilho de prata
Anula-se...

Suspiro: a menina aquela
A menina que eu mais gostava
Tinha uns olhos cor de cinza...
Onde andará seu fantasminha?
Tudo agora se enevoa... Fim?
Mas de repente, ó Adalgisa,
Ressuscitas-me!

Oh! A menininha...

A tia...

O relógio de meu pai...
E a minha mão como um polvo
Na tua vulva convulsa!

ESSES INQUIETOS VENTOS

Esses inquietos ventos andarilhos
Passam e dizem: "Vamos caminhar,
Nós conhecemos misteriosos trilhos,
Bosques antigos onde é bom sonhar..."

E há tantas virgens a sonhar idílios!
E tu não vieste, sob a paz lunar,
Beijar os seus entrefechados cílios
E as dolorosas bocas a ofegar..."

Os ventos vêm e batem-me à janela:
"A tua vida, que fizeste dela?"
E chega a morte: "Anda! Vem dormir..."

Faz tanto frio... E é tão macia a cama:
Mas toda a longa noite inda hei de ouvir
A inquieta voz do vento que me chama!

1935

O QUE O VENTO NÃO LEVOU

No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as
[únicas
que o vento não conseguiu levar:

um estribilho antigo
um carinho no momento preciso
o folhear de um livro de poemas
o cheiro que tinha um dia o próprio vento...

OBRAS DE MARIO QUINTANA

LIVROS PUBLICADOS:

A rua dos cataventos. Porto Alegre: Globo, 1940; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

Canções. Porto Alegre: Globo, 1946. Ilustrações de Noêmia.

Sapato florido. Porto Alegre: Globo, 1948.

O batalhão das letras. Porto Alegre: Globo, 1948. Ilustrações de Vera Muccillo: Rio de Janeiro: Globo, 1984.

O aprendiz de feiticeiro. Porto Alegre: Fronteira, 1950.

Espelho mágico. Porto Alegre: Globo, 1951.

Inéditos e esparsos. Alegrete: Cadernos do Extremo Sul, 1953.

Poesias. Porto Alegre: Globo, 1962. Reunião de: A rua dos cataventos. Canções. Sapato florido. Aprendiz de feiticeiro. espelho mágico.

Antologia poética. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966. Seleção de Rubem Braga.

Pé de pilão. Petrópolis: Vozes, 1968. Ilustrações de Luiz Antônio Pires: Porto Alegre: Garatuja & Instituto Estadual do Livro, 1975. Ilustrações de Edgar Koetz.

Caderno H. Porto Alegre: Globo, 1973.

Apontamentos de história sobrenatural. Porto Alegre: Globo & Instituto Estadual do Livro, 1976.

Quintanares. Porto Alegre: Globo, 1976.

A vaca e o hipogrifo. Porto Alegre: Garatuja, 1977; Porto Alegre: L&PM, 1977.

Prosa & Verso. Porto Alegre: Globo, 1978.

Na volta da esquina. Porto Alegre: Globo & RBS, 1979.

Esconderijos do tempo. Porto Alegre: L&PM, 1980. Ilustrações de Vitório Gheno.

Nova antologia poética. Rio de Janeiro: Codecri, 1981; Rio de Janeiro: Globo, 1995.

Mario Quintana. São Paulo: Abril Educação, 1982. Seleção de Regina Zilberman.

Lili inventa o mundo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. Ilustrações de Heloísa Schneiders da Silva.

Os melhores poemas de Mario Quintana. São Paulo: Global, 1983. Seleção de Fausto Cunha.

Nariz de vidro. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. Seleção de Mery Weiss. Ilustrações de Marco Cena.

O sapato amarelo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. Seleção de Mery Weiss. Ilustrações de Marco Cena. Primavera cruza o rio. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

Baú de espantos. Rio de Janeiro: Globo, 1986.

Oitenta anos de poesia. Rio de Janeiro: Globo, 1986. Seleção de Tânia Franco Carvalhal.

Preparativos de viagem. Rio de Janeiro: Globo, 1987. Da preguiça como método de trabalho. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

Porta giratória. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

Antologia poética de Mário Quintana. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.

A cor do invisível. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

Velório sem defunto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

Sapato furado. São Paulo: FTD, 1994.

NO EXTERIOR:

Objetos perdidos y otros poemas. Buenos Aires: Calicanto, 1979. Organização de Santiago Kovadloff. Tradução de Estela dos Santos.

Mario Quintana. Poemas. Lima: Centro de Estudios Brasileños, 1984. Tradução de César Calvo.

PARTICIPAÇÃO DE ANTOLOGIAS:

Obras-primas da lírica brasileira. São Paulo: Martins, 1943. Organização de Manuel Bandeira.

Coletânea de poetas sul-rio-grandenses. 1834-1951. Rio de Janeiro: Minerva, 1952. Organização de Antônio Carlos Machado.

Antologia da poesia brasileira moderna. 1922-1947. São Paulo: Clube de Poesia de São Paulo, 1953. Organização de Carlos Burlamaqui Kopke.

Poesia nossa. Rio de Janeiro: Laemmert, 1954. Organização de Júlio Nogueira.

Antologia poética para a infância e a juventude. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. Organização de Henriqueta Lisboa.

Antologia da moderna poesia brasileira. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967. Organização de Fernando Ferreira de Loanda.

Antologia dos poetas brasileiros. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967. Organização de Manuel Bandeira e Waldir Ayala.

Poesia moderna. São Paulo: Melhoramentos, 1967. Organização de Péricles Eugênio da Silva Santos.

Antologia da Estância da Poesia Crioula. Porto Alegre: Sulina, 1972.

Porto Alegre ontem e hoje. Porto Alegre: Movimento, 1971. Dicionário ontológico das literaturas portuguesa e brasileira. São Paulo: Formar, 1971.

Trovadores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sulina, 1972. Organização de Nelson Fachinelli.

Assim escrevem os gaúchos. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976. Organização de Janer Cristaldo.

Antologia da literatura rio-grandense contemporânea. Poesia e crônica. Porto Alegre: L&PM, 1979. Organização de Antonio Hohlfeldt.

Histórias de vinho. Porto Alegre: L&PM, 1980.

Para gostar de ler. Poesias. São Paulo: Atica, 1980. v.6.

Te quero verde. Poesia e consciência ecológica. Rio de Janeiro, 1982. Organização de Patricia Kranz e Afonso Henriques Neto.

NO EXTERIOR:

La poésie brésilienne. 1930-1940. Rio de Janeiro: Alba, 1941. Organização de Henri de Lanteuil (p/circulação no exterior).

Brazilian literature. An outline. New York: MacMillan, 1945. Seleção e textos de Érico Veríssimo.

Poesía brasileña contemporánea. 1920-1946. Montevideo: Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño, 1947. Organização de Gastón Figuera.

Antología de la poesía brasileña. Madrid: Cultural Hispánica, 1952. Organização de Renato Mendonça.

La Poésie brésilienne contemporaine. Paris: Pierre Tisné, 1954. Organização de A. D. Tavares Bastos.

Un século di poesia brasiliana. Siena: Maia, 1954. Organização de Mercedes La Valle. Tradução de Enzo Voiture.

Antología de la poesía brasileña. Buenos Aires: Nuestra América, 1959. Cuadernillos de Poesia (39).

Antología de la poesía brasileña. Desde el Romanticismo a la Generación de Cuarenta y Cinco. Barcelona: Seix Barral, 1973. Organização de Ángel Crespo.

Chew me up slowly (Caderno H). Porto Alegre: Globo & Riocell, 1978. Tradução de Maria da Glória Bordini e Diane Grosklauss (p/circulação no exterior).

Las voces solidarias. Buenos Aires: Calicanto, 1978. Organização de Santiago Kovadloff.

TRADUÇÕES

PAPINI, Giovanni. **Palavras e sangue.** Porto Alegre: Globo, 1934.

MARSYAT, Fred. **O navio fantasma.** Porto Alegre: Globo, 1937.

VARALDO, Alessandro. **Gata persa.** Porto Alegre: Globo, 1938.

LUDWIG, Emil. **Memórias de um caçador de homens.** Porto Alegre: Globo, 1939.

CONRAD, Joseph. **Lord Jim.** Porto Alegre: Globo, 1939.

STACPOOLE. H. de Veré. **A laguna azul.** Porto Alegre: Globo. 1940.

GRAVE. R. **Eu, Claudius Imperator.** Porto Alegre: Globo. 1940.

MORGAN, Charles. **Sparkenbroke.** Porto Alegre: Globo, 1941.

YUTANG, Lin. **A importância de viver**. Porto Alegre: Globo, 1941.

BRAUN, Vicki. **Hotel Shangai**. Porto Alegre: Globo, 1942.

FULOP-MILLER, René. **Os grandes sonhos da humanidade**. Porto Alegre: Globo, 1942 (de parceria com R. Ledoux).

MAUPASSANT, Guy de. **Contos**, Porto Alegre: Globo, 1943.

LAMB, Charles & LAMB, Mary Ann. **Contos de Shakespeare**. Porto Alegre: Globo, 1943.

ORGAN, Charles. **A fonte**. Porto Alegre: Globo, 1944.

MAUROIS, André. **Os silêncios do Coronel Branble**. Porto Alegre: Globo, 1944.

LEHMANN, Rosamond. **Poeira**. Porto Alegre: Globo, 1945.

JAMES, Francis. **O albergue das dores**. Porto Alegre: Globo, 1945.

LAFAYETTE, Condessa de. **A princesa de Clèves**. Porto Alegre: Globo, 1945.

BEAUMARCHAIS. **O barbeiro de Sevilha ou a precaução inútil**. Porto Alegre: Globo, 1946.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Porto Alegre: Globo, 1946.

PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Porto Alegre: Globo, 1948.

BROWN, Frederick. **Tio prodigioso**. Porto Alegre: Globo, 1951.

HUXLEY, Aldous. **Duas ou três graças**. Porto Alegre: Globo, 1951.

MAUGHAM, Somerset. **Confissões**. Porto Alegre: Globo, 1951.

PROUST, Marcel. **À sombra das raparigas em flor**. Porto Alegre: Globo, 1951.

VOLTAIRE. **Contos e novelas**. Porto Alegre: Globo, 1951.

BALZAC, Honoré de. **Os sofrimentos do inventor**. Porto Alegre: Globo, 1951.

MAUGHAM, Somerset. **Biombo chinês**. Porto Alegre: Globo, 1952.

THOMAS, Henry & ARNOLD, Dana. **Vidas de homens notáveis**. Porto Alegre: Globo, 1952.

GRENNE, Graham. **O poder e a glória**. Porto Alegre: Globo, 1953.

PROUST, Marcel. **O caminho de Guermantes**. Porto Alegre: Globo, 1953.

PROUST, Marcel. **Sodoma e Gomorra**. Porto Alegre; Globo, 1954.

BALZAC, Honoré de. **Uma paixão no deserto**. Porto Alegre: Globo, 1954.

MÉRIMÉE, Prosper. **Novelas completas**. Porto Alegre: Globo, 1954.

MAUGHAM, Somerset. **Cavalheiro de salão**. Porto Alegre: Globo, 1954.

BUCK, Pearl S. **Debaixo do céu**. Porto Alegre: Globo, 1955.

BALZAC, Honoré de. **Os proscritos**. Porto Alegre: Globo, 1955.

BALZAC, Honoré de. **Seráfita**. Porto Alegre: Globo, 1955.

COLEÇÃO L&PM POCKET

- 01 - Catálogo geral da Coleção
- 02 - Poesias - Fernando Pessoa
- 03 - O livro dos sonetos - org. Sergio Faraco
- 04 - Hamlet - Shakespeare / trad. Millôr
- 05 - Isadora, frag, autobiográficos - Isadora Duncan
- 06 - Histórias sicilianas - G Lampedusa
- 07 - O relato de Arthur Gordon Pym - Edgar A. Poe
- 08 - A mulher mais linda da cidade - Bukowski
- 09 - O fim de Montezuma - Hernán Cortez
- 10. A ninfomania - D. T. Bienville
- 11 - As aventuras de Robinson Crusoe - D. Defoe
- 12 - Histórias de amor - A. Bioy Casares
- 13 - Armadilha mortal - Roberto Arlt
- 14 - Contos de fantasmas - Daniel Defoe
- 15 - Os pintores cubetas - G. Apollinaire
- 16 - A morte de Ivan Hitch - L.Tolstói
- 17 - A desobediência civil - D. H. Thoreau
- 18 - Liberdade, liberdade - F. Rangel e M. Fernandes
- 19 - Cem sonetos de amor - Pablo Neruda
- 20 - Mulheres - Eduardo Galeano
- 21 - Cartas a Théo - Van Gogh
- 22 - Don Juan - Molière / Trad, Millôr Fernandes
- 24 - Horla - Guy de Maupassant
- 25 - O caso de Charles Dexter Ward - Lovecraft
- 26 - Vathek - William Beckford
- 27 - Hai-Kais - Millôr Fernandes
- 28 - Adeus, minha adorada - Raymond Chandler
- 29 - Cartas portuguesas - Mariana Alcoforado
- 30 - A mensageira das violetas - Florbela Espanca
- 31 - Espumas flutuantes - Castro Alves
- 32 - Dom Casmurro - Machado de Assis
- 33 - Não consta**
- 34 - Alves & Cia- - Eça de Queiroz
- 35 - Uma temporada no inferno - A. Rimbaud
- 36 - A corresp. de Fradique Mendes - Eça de Queiroz
- 37 - Não consta**
- 38 - Antologia poética - Olavo Bilac
- 39 - O rei Lear - Shakespeare
- 40 - Memórias póstumas de Brás Cubas - M. de Assis
- 41 - Que loucura! - Woody Allen

42 - O duelo - Casanova

43 - Não consta

44 - Gentíldades - Darcy Ribeiro

45 - Mem- de um Sarg. de Milícias - M. A. de Almeida

46 - Os escravos - Castro Alves

47 - O desejo pego pelo rabo - Pablo Picasso

48 - Os inimigos - Máximo Gorki

49 - O colar de veludo - Alexandre Dumas

50 - Livro dos bichos - Vários

51 - Quincas Borba - Machado de Assis

52 - Não consta

53 - O exército de um homem só - Moacyr Sclíar

54 - Frankenstein - Mary Shelley

55 - Doro Segundo Sombra - Ricardo Guiraldes

56 - De vagões e vagabundos - Jack London

57 - O homem bicentenário - Isaac Asimov

58 - A viuvinha - José de Alencar

59 - Livro das cortesãs - org, de Sergio Faraco

60 - Últimos poemas - Pablo Neruda

61 - A moreninha - Joaquim Manuel de Macedo

62 - Cinco Minutos - José de Alencar

63 - Saber envelhecer e a amizade - Cícero

64 - Enquanto a noite não chega - J. Guimarães

65 - Tufão - Joseph Conrad

66 - Aurélia - Gérard de Nerval

67 - I-Juca-Pirama - Gonçalves Dias

68 - Fábulas - Esopo

69 - Teresa Filósofa - Anónimo do Séc. XVIII

70 - Aventuras inéditas de Sherlock Holmes - A. C. Doyle

71 - Quintana de bolso - Mario Quintana

72 - Antes e depois - Paul Gauguin

73 - A morte de Olivier Bécaille - Émile Zola

74 - Iracema - José de Alencar

75 - Iaia Garcia - Machado de Assis

76 - Utopia - Tomás Morus

77 - Sonetos para amar o amor - Camões

78 - Carmem - Prosper Mérimée

79 - Senhora - José de Alencar

80 - Hagar, o horrível 1 - Dik Browne

81 - O coração das trevas - Joseph Conrad

82 - Um estudo em vermelho - Arthur Conan Doyle

- 83 - Todos os sonetos - Augusto dos Anjos
- 84 - A propriedade é um roubo - P. J. Proudhon
- 85 - Drácula - Bram Stoker
- 86 - O marido complacente - Sade
- 87 - De profundis - Oscar Wilde
- 88 - Sem plumas - Woody Allen
- 89 - Os bruzundangas - Lima Barreto
- 90 - O cão dos Baskervilles - Arthur Conan Doyle
- 91 - Paraísos artificiais - Charles Baudelaire
- 92 - Cândido, ou o otimismo - Voltaire
- 93 - Triste fim de Policarpo Quaresma - Lima Barreto
- 94 - Amor de perdição - Camilo Castelo Branco
- 95 - A megera domada - Shakespeare / trad. Millôr
- 96 - O mulato - Aluísio Azevedo
- 97 - O alienista - Machado de Assis
- 98 - O livro dos sonhos - Jack Kerouac
- 99 - Noite na taverna - Alvares de Azevedo
- 100 - Aura - Carlos Fuentes
- 101 - Não consta**
- 102 - Contos gauchescos e Lendas do sul - Simões Lopes Neto
- 103 - O cortiço - Aluísio Azevedo
- 104 - Marília de Dirceu - T. A- Gonzaga
- 105 - O Primo Basílio - Eça de Queiroz
- 106 - O ateneu - Raul Pompéia
- 107 - Um escândalo na Boémia - Arthur Conan Doyle
- 108 - Contos - Machado de Assis
- 109 - 200 Sonetos - Luis Vaz de Camões
- 110 - O príncipe - Maquiavel
- 111 - La escrava Isaura - Bernardo Guimarães
- 112 - O solteirão nobre - Conan Doyle
- 113 - Não consta**
- 114 - Shakespeare de A a Z - Shakespeare
- 115 - A relíquia - Eça de Queiroz
- 116 - Não consta**
- 117 - Livro do corpo - Vários
- 118 - Lira dos 20 anos - Álvares de Azevedo
- 119 - Esaú e Jacó - Machado de Assis
- 120 - A barcarola - Pablo Neruda
- 121 - Os conquistadores - Júlio Verne
- 122 - Contos breves - G. Apollinaire
- 123 - Taipi - Herman Melville

251. *A nova catacumba* – Arthur Conan Doyle
 252. *Dr. Negro* – Arthur Conan Doyle
 253. *Os voluntários* – Moacyr Scliar
 254. *A bela adormecida* – Irmãos Grimm
 255. *O príncipe sapo* – Irmãos Grimm
 256. *Confissões e Memórias* – H. Heine
 257. *Viva o Alegrete* – Sérgio Faraco
 258. *Vou estar esperando* – R. Chandler
 259. *A senhora Beate e seu filho* – Schnitzler
 260. *O ovo apunhalado* – Caio Fernando Abreu
 261. *O ciclo das águas* – Moacyr Scliar
 262. *Millôr Definitivo* – Millôr Fernandes
 264. *Viagem ao centro da Terra* – Júlio Verne
 265. *A dama do lago* – Raymond Chandler
 266. *Caninos brancos* – Jack London
 267. *O médico e o monstro* – R. L. Stevenson
 268. *A tempestade* – William Shakespeare
 269. *Assassinatos na rua Morgue* – E. Allan Poe
 270. *99 corruíças nánicas* – Dalton Trevisan
 271. *Broquéis* – Cruz e Sousa
 272. *Mês de cães danados* – Moacyr Scliar
 273. *Anarquistas – vol. 1 – A Idéia* – G. Woodcock
 274. *Anarquistas – vol. 2 – O movimento* – G. Woodcock
 275. *Pai e filho, filho e pai* – Moacyr Scliar
 276. *As aventuras de Tom Sawyer* – Mark Twain
 277. *Muito barulho por nada* – W. Shakespeare
 278. *Elogio da loucura* – Erasmo
 279. *Autobiografia de Alice B. Toklas* – G. Stein
 280. *O chamado da floresta* – J. London
 281. *Uma agulha para o diabo* – Ruth Rendell
 282. *Verdes vales do fim do mundo* – A. Bivar
 283. *Ovelhas negras* – Caio Fernando Abreu
 284. *O fantasma de Canterville* – O. Wilde
 285. *Receitas de Yayá Ribeiro* – Célia Ribeiro
 286. *A galinha degolada* – H. Quiroga
 287. *O último adeus de Sherlock Holmes* – A. Conan Doyle
 288. *A. Gourmet em Histórias de cama & mesa* – J. A. Pinheiro Machado
 289. *Topless* – Martha Medeiros
 290. *Mais receitas do Anonymous Gourmet* – J. A. Pinheiro Machado
 291. *Origens do discurso democrático* – D. Schüler
 292. *Humor politicamente incorreto* – Nani
 293. *O teatro do bem e do mal* – E. Galeano
 294. *Garibaldi & Manóla* – J. Guimarães
 295. *10 dias que abalaram o mundo* – John Reed
 296. *Numa fria* – Charles Bukowski
 297. *Poesia de Florbela Espanca* vol. 1
 298. *Poesia de Florbela Espanca* vol. 2
 299. *Escreva certo* – E. Oliveira e M. E. Bernd
 300. *O vermelho e o negro* – Stendhal
 301. *Ecce homo* – Friedrich Nietzsche
 302(7). *Comer bem, sem culpa* – Dr. Fernando Lucchese, A. Gourmet e Iotti
 303. *O livro de Cesário Verde* – Cesário Verde
 305. *100 receitas de macarrão* – S. Lancellotti
 306. *160 receitas de molhos* – S. Lancellotti
 307. *100 receitas light* – H. e Á. Tonetto
 308. *100 receitas de sobremesas* – Célia Ribeiro
 309. *Mais de 100 dicas de churrasco* – Leon Diziekaniak
 310. *100 receitas de acompanhamentos* – C. Cabeda
 311. *Honra ou vendetta* – S. Lancellotti
 312. *A alma do homem sob o socialismo* – Oscar Wilde
 313. *Tudo sobre Yôga* – Mestre De Rose
 314. *Os varões assinalados* – Tabajara Ruas
 315. *Édipo em Colono* – Sófocles
 316. *Lisístrata* – Aristófanes / trad. Millôr
 317. *Sonhos de Bunker Hill* – John Fante
 318. *Os deuses de Raquel* – Moacyr Scliar
 319. *O colosso de Marússia* – Henry Miller
 320. *As eruditas* – Molière / trad. Millôr
 321. *Radici 1* – Iotti
 322. *Os Sete contra Tebas* – Ésquilo
 323. *Brasil Terra à vista* – Eduardo Bueno
 324. *Radici 2* – Iotti
 325. *Júlio César* – William Shakespeare
 326. *A carta de Pero Vaz de Caminha*
 327. *Cozinha Clássica* – Sílvia Lancellotti
 328. *Madame Bovary* – Gustave Flaubert
 329. *Dicionário do viajante insólito* – M. Scliar
 330. *O capitão saiu para o almoço...* – Bukowski
 331. *A carta roubada* – Edgar Allan Poe
 332. *É tarde para saber* – Josué Guimarães
 333. *O livro de bolso da Astrologia* – Maggy Harrison e Mellina Li
 334. *1933 foi um ano ruim* – John Fante
 335. *100 receitas de arroz* – Aninha Comas
 336. *Guia prático do Português correto – vol. 1* – Cláudio Moreno
 337. *Bartleby, o escrivão* – H. Melville
 338. *Enterrem meu coração na curva do rio* – Dee Brown
 339. *Um conto de Natal* – Charles Dickens
 340. *Cozinha sem segredos* – J. A. P. Machado
 341. *A dama das Camélias* – A. Dumas Filho
 342. *Alimentação saudável* – H. e Á. Tonetto
 343. *Continhos galantes* – Dalton Trevisan
 344. *A Divina Comédia* – Dante Alighieri
 345. *A Dupla Sertãojo* – Santiago
 346. *Cavalos do amanhecer* – Mario Arregui
 347. *Biografia de Vincent van Gogh por sua cunhada* – Jo van Gogh-Bonger
 348. *Radici 3* – Iotti
 349. *Nada de novo no front* – E. M. Remarque
 350. *A hora dos assassinos* – Henry Miller
 351. *Flush - Memórias de um cão* – Virginia Woolf
 352. *A guerra no Bom Fim* – M. Scliar
 353(1). *O caso Saint-Fiacre* – Simenon
 354(2). *Morte na alta sociedade* – Simenon
 355(3). *O cão amarelo* – Simenon
 356(4). *Maigret e o homem do banco* – Simenon
 357. *As uvas e o vento* – Pablo Neruda
 358. *On the road* – Jack Kerouac
 359. *O coração amarelo* – Pablo Neruda
 360. *Livro das perguntas* – Pablo Neruda
 361. *Noite de Reis* – William Shakespeare
 362. *Manual de Ecologia* – vol. 1 – J. Lutzenberger
 363. *O mais longo dos dias* – Cornelius Ryan
 364. *Foi bom prá você?* – Nani
 365. *Crepusculario* – Pablo Neruda
 366. *A comédia dos erros* – Shakespeare
 367(5). *A primeira investigação de Maigret* – Simenon

- 368(6). *As fêrias de Maigret* – Simenon
 369. *Mate-me por favor* (vol.1) – L. McNeil
 370. *Mate-me por favor* (vol.2) – L. McNeil
 371. *Carta ao pai* – Kafka
 372. *Os vagabundos iluminados* – J. Kerouac
 373(7). *O enforcado* – Simenon
 374(8). *A fúria de Maigret* – Simenon
 375. *Vargas, uma biografia política* – H. Silva
 376. *Poesia reunida* (vol.1) – A. R. de Sant'Anna
 377. *Poesia reunida* (vol.2) – A. R. de Sant'Anna
 378. *Alice no país do espelho* – Lewis Carroll
 379. *Residência na Terra 1* – Pablo Neruda
 380. *Residência na Terra 2* – Pablo Neruda
 381. *Terceira Residência* – Pablo Neruda
 382. *O delírio amoroso* – Boscage
 383. *Futebol ao sol e à sombra* – E. Galeano
 384(9). *O porto das brumas* – Simenon
 385(10). *Maigret e seu morto* – Simenon
 386. *Radici 4* – Iotti
 387. *Boas maneiras & sucesso nos negócios* – Celia Ribeiro
 388. *Uma história Farrroupilha* – M. Seliar
 389. *Na mesa ninguém envelhece* – J. A. P. Machado
 390. *200 receitas inéditas do Anonymus Gourmet* – J. A. Pinheiro Machado
 391. *Guia prático do Português correto – vol.2* – Cláudio Moreno
 392. *Breviário das terras do Brasil* – Assis Brasil
 393. *Cantos Cerimoniais* – Pablo Neruda
 394. *Jardim de Inverno* – Pablo Neruda
 395. *Antonio e Cleópatra* – William Shakespeare
 396. *Troia* – Cláudio Moreno
 397. *Meu tio matou um cara* – Jorge Furtado
 398. *O anatomista* – Federico Andahazi
 399. *As viagens de Gulliver* – Jonathan Swift
 400. *Dom Quixote* – (v. 1) – Miguel de Cervantes
 401. *Dom Quixote* – (v. 2) – Miguel de Cervantes
 402. *Sozinho no Pólo Norte* – Thomaz Brandolin
 403. *Matadouro 5* – Kurt Vonnegut
 404. *Delta de Vênus* – Anaís Nin
 405. *O melhor de Hagar 2* – Dik Browne
 406. *É grave Doutor?* – Nani
 407. *Órai pornô* – Nani
 408(11). *Maigret em Nova York* – Simenon
 409(12). *O assassino sem rosto* – Simenon
 410(13). *O mistério das jóias roubadas* – Simenon
 411. *A irmãzinha* – Raymond Chandler
 412. *Três contos* – Gustave Flaubert
 413. *De ratos e homens* – John Steinbeck
 414. *Lazarillo de Tormes* – Anônimo do séc. XVI
 415. *Triângulo das águas* – Caio Fernando Abreu
 416. *100 receitas de carnes* – Sílvia Lancellotti
 417. *Histórias de robôs: vol. 1* – org. Isaac Asimov
 418. *Histórias de robôs: vol. 2* – org. Isaac Asimov
 419. *Histórias de robôs: vol. 3* – org. Isaac Asimov
 420. *O país dos centauros* – Tabajara Ruas
 421. *A república de Anita* – Tabajara Ruas
 422. *A carga dos lanceiros* – Tabajara Ruas
 423. *Um amigo de Kafka* – Isaac Singer
 424. *As alegres matronas de Windsor* – Shakespeare
 425. *Amor e exílio* – Isaac Bashevis Singer
 426. *Use & abuse do seu signo* – Marília Fiorillo e Marylou Simonsen
 427. *Pigmaleão* – Bernard Shaw
 428. *As fenícias* – Eurípides
 429. *Everest* – Thomaz Brandolin
 430. *A arte de furtar* – Anônimo do séc. XVI
 431. *Billy Bud* – Herman Melville
 432. *A rosa separada* – Pablo Neruda
 433. *Elegia* – Pablo Neruda
 434. *A garota de Cassidy* – David Goodis
 435. *Como fazer a guerra: máximas de Napoleão* – Balzac
 436. *Poemas escolhidos* – Emily Dickinson
 437. *Gracias por el fuego* – Mario Benedetti
 438. *O sofá* – Crêbillon Fils
 439. *O "Martín Fierro"* – Jorge Luis Borges
 440. *Trabalhos de amor perdidos* – W. Shakespeare
 441. *O melhor de Hagar 3* – Dik Browne
 442. *Os Maías (volume1)* – Eça de Queiroz
 443. *Os Maías (volume2)* – Eça de Queiroz
 444. *Anti-Justine* – Restif de La Bretonne
 445. *Juventude* – Joseph Conrad
 446. *Contos* – Eça de Queiroz
 447. *Janela para a morte* – Raymond Chandler
 448. *Um amor de Swann* – Marcel Proust
 449. *À paz perpétua* – Immanuel Kant
 450. *A conquista do México* – Hernan Cortez
 451. *Defeitos escolhidos e 2000* – Pablo Neruda
 452. *O casamento do céu e do inferno* – William Blake
 453. *A primeira viagem ao redor do mundo* – Antonio Pigafetta
 454(14). *Uma sombra na janela* – Simenon
 455(15). *A noite da encruzilhada* – Simenon
 456(16). *A velha senhora* – Simenon
 457. *Sartre* – Annie Cohen-Solal
 458. *Discurso do método* – René Descartes
 459. *Garfield em grande forma (1)* – Jim Davis
 460. *Garfield está de dieta (2)* – Jim Davis
 461. *O livro das feras* – Patricia Highsmith
 462. *Viajante solitário* – Jack Kerouac
 463. *Auto da barca do inferno* – Gil Vicente
 464. *O livro vermelho dos pensamentos de Millôr* – Millôr Fernandes
 465. *O livro dos abraços* – Eduardo Galeano
 466. *Voltaremos!* – José Antonio Pinheiro Machado
 467. *Rango* – Edgar Vasques
 468(8). *Dieta mediterrânea* – Dr. Fernando Lucchese e José Antonio Pinheiro Machado
 469. *Radici 5* – Iotti
 470. *Pequenos pássaros* – Anaís Nin
 471. *Guia prático do Português correto – vol.3* – Cláudio Moreno
 472. *Atire no pianista* – David Goodis
 473. *Antologia Poética* – García Lorca
 474. *Alexandre e César* – Plutarco
 475. *Uma espiã na casa do amor* – Anaís Nin
 476. *A gorda do Tiki Bar* – Dalton Trevisan
 477. *Garfield um gato de peso (3)* – Jim Davis
 478. *Canibais* – David Coimbra
 479. *A arte de escrever* – Arthur Schopenhauer
 480. *Pinóquio* – Carlo Collodi
 481. *Misto-quente* – Charles Bukowski
 482. *A lua na sarjeta* – David Goodis
 483. *O melhor do Recruta Zero (1)* – Mort Walker

484. *Aline: TPM – tensão pré-menstrual* (2) – Adão Iruasgarai
 485. *Sermões do Padre Antonio Vieira*
 486. *Garfield numa boa* (4) – Jim Davis
 487. *Mensagem* – Fernando Pessoa
 488. *Vendeta seguida de A paz conjugal* – Balzac
 489. *Poemas de Alberto Caíro* – Fernando Pessoa
 490. *Ferragus* – Honoré de Balzac
 491. *A duquesa de Langeais* – Honoré de Balzac
 492. *A menina dos olhos de ouro* – Honoré de Balzac
 493. *O lírio do vale* – Honoré de Balzac
 494(17). *A barbaça da morte* – Simenon
 495(18). *As testemunhas rebeldes* – Simenon
 496(19). *Um engano de Maigret* – Simenon
 497(1). *A noite das bruxas* – Agatha Christie
 498(2). *Um passe de mágica* – Agatha Christie
 499(3). *Nêmesis* – Agatha Christie
 500. *Esboço para uma teoria das emoções* – Sartre
 501. *Renda básica de cidadania* – Eduardo Suplicy
 502(1). *Pílulas para viver melhor* – Dr. Lucchese
 503(2). *Pílulas para prolongar a juventude* – Dr. Lucchese
 504(3). *Desembarcando o diabetes* – Dr. Lucchese
 505(4). *Desembarcando o sedentarismo* – Dr. Fernando Lucchese e Cláudio Castro
 506(5). *Desembarcando a hipertensão* – Dr. Lucchese
 507(6). *Desembarcando o colesterol* – Dr. Fernando Lucchese e Fernanda Lucchese
 508. *Estudos de mulher* – Balzac
 509. *O terceiro tira* – Flann O'Brien
 510. *100 receitas de aves e ovos* – J. A. P. Machado
 511. *Garfield em toneladas de diversão* (5) – Jim Davis
 512. *Trem-bala* – Martha Medeiros
 513. *Os cães ladram* – Truman Capote
 514. *O Kama Sutra de Vatsyayana*
 515. *O crime do Padre Amaro* – Eça de Queiroz
 516. *Odes de Ricardo Reis* – Fernando Pessoa
 517. *O inverno da nossa desesperança* – Steinbeck
 518. *Piratas do Tietê* (1) – Laerte
 519. *Ré Bordosa: do começo ao fim* – Angeli
 520. *O Harlem é escuro* – Chester Himes
 521. *Café-da-manhã dos campeões* – Kurt Vonnegut
 522. *Eugénie Grandet* – Balzac
 523. *O último magnata* – F. Scott Fitzgerald
 524. *Carol* – Patricia Highsmith
 525. *100 receitas de patisserie* – Sílvia Lancellotti
 526. *O fator humano* – Graham Greene
 527. *Tristessa* – Jack Kerouac
 528. *O diamante do tamanho do Ritz* – S. Fitzgerald
 529. *As melhores histórias de Sherlock Holmes* – Arthur Conan Doyle
 530. *Cartas a um jovem poeta* – Rilke
 531(20). *Memórias de Maigret* – Simenon
 532(4). *O misterioso sr. Quin* – Agatha Christie
 533. *Os analectos* – Confúcio
 534(21). *Maigret e os homens de bem* – Simenon
 535(22). *O medo de Maigret* – Simenon
 536. *Ascensão e queda de César Birotteau* – Balzac
 537. *Sexta-feira negra* – David Goodis
 538. *Ora bolas – O humor de Mario Quintana* – Juarez Fonseca
 539. *Longe daqui aqui mesmo* – Antonio Bivar
 540(5). *É fácil matar* – Agatha Christie
 541. *O pai Goriot* – Balzac
 542. *Brasil, um país do futuro* – Stefan Zweig
 543. *O processo* – Kafka
 544. *O melhor de Hagar 4* – Dik Browne
 545(6). *Por que não pediram a Evans?* – Agatha Christie
 546. *Fanny Hill* – John Cleland
 547. *O gato por dentro* – William S. Burroughs
 548. *Sobre a brevidade da vida* – Sêneca
 549. *Geraldão* (1) – Glauco
 550. *Piratas do Tietê* (2) – Laerte
 551. *Pagando o pato* – Ciza
 552. *Garfield de bom humor* (6) – Jim Davis
 553. *Conhece o Mário?* vol.1 – Santiago
 554. *Radícci 6* – Iotti
 555. *Os subterrâneos* – Jack Kerouac
 556(1). *Balzac* – François Taillandier
 557(2). *Modigliani* – Christian Parisot
 558(3). *Kafka* – Gérard-Georges Lemaire
 559(4). *Júlio César* – Joel Schmidt
 560. *Receitas da família* – J. A. Pinheiro Machado
 561. *Boas maneiras à mesa* – Celia Ribeiro
 562(9). *Filhos sadios, pais felizes* – R. Pagnoncelli
 563(10). *Fatos & mitos* – Dr. Fernando Lucchese
 564. *Ménage à trois* – Paula Taitelbaum
 565. *Mulheres!* – David Coimbra
 566. *Poemas de Álvaro de Campos* – Fernando Pessoa
 567. *Medo e outras histórias* – Stefan Zweig
 568. *Snoopy e sua turma* (1) – Schulz
 569. *Padas para sempre* (1) – Visconde da Casa Verde
 570. *O alvo móvel* – Ross Macdonald
 571. *O melhor do Recruta Zero* (2) – Mort Walker
 572. *Um sonho americano* – Norman Mailer
 573. *Os broncos também amam* – Angeli
 574. *Crônica de um amor louco* – Bukowski
 575(5). *Freud* – René Major e Chantal Talagrand
 576(6). *Picasso* – Gilles Plazy
 577(7). *Gandhi* – Christine Jordis
 578. *A tumba* – H. P. Lovecraft
 579. *O príncipe e o mendigo* – Mark Twain
 580. *Garfield, um charme de gato* (7) – Jim Davis
 581. *Ilusões perdidas* – Balzac
 582. *Esplendores e misérias das cortesãs* – Balzac
 583. *Walter Ego* – Angeli
 584. *Striptiras* (1) – Laerte
 585. *Fagundes: um puxa-saco de mão cheia* – Laerte
 586. *Depois do último trem* – Josué Guimarães
 587. *Ricardo III* – Shakespeare
 588. *Dona Anja* – Josué Guimarães
 589. *24 horas na vida de uma mulher* – Stefan Zweig
 590. *O terceiro homem* – Graham Greene
 591. *Mulher no escuro* – Dashiell Hammett
 592. *No que acredito* – Bertrand Russell
 593. *Odisséia* (1): *Telemaque* – Homero
 594. *O cavalo cego* – Josué Guimarães
 595. *Henrique V* – Shakespeare
 596. *Fabulário geral do delírio cotidiano* – Bukowski
 597. *Tiros na noite 1: A mulher do bandido* – Dashiell Hammett
 598. *Snoopy em Feliz Dia dos Namorados!* (2) – Schulz
 599. *Mas não se matam cavalos?* – Horace McCoy
 600. *Crime e castigo* – Dostoiévski

- 601(7). *Mistério no Caribe* – Agatha Christie
 602. *Odisséia (2): Regresso* – Homero
 603. *Piadas para sempre (2)* – Visconde da Casa Verde
 604. *À sombra do vulcão* – Malcolm Lowry
 605(8). *Kerouac* – Yves Buin
 606. *E agora são cinzas* – Angeli
 607. *As mil e uma noites* – Paulo Caruso
 608. *Um assassino entre nós* – Ruth Rendell
 609. *Crack-up* – F. Scott Fitzgerald
 610. *Do amor* – Stendhal
 611. *Cartas do Yage* – William Burroughs e Allen Ginsberg
 612. *Striptiras (2)* – Laerte
 613. *Henry & June* – Anaïs Nin
 614. *A piscina mortal* – Ross Macdonald
 615. *Geralão (2)* – Glauco
 616. *Tempo de delicadeza* – A. R. de Sant'Anna
 617. *Tiros na noite 2: Medo de tiro* – Dashiell Hammett
 618. *Snoopy em Assim é a vida, Charlie Brown! (3)* – Schulz
 619. 1954 – *Um tiro no coração* – Hélio Silva
 620. *Sobre a inspiração poética (Ion) e ...* – Platão
 621. *Garfield e seus amigos (8)* – Jim Davis
 622. *Odisséia (3): Ítaca* – Homero
 623. *A louca matança* – Chester Himes
 624. *Factótum* – Charles Bukowski
 625. *Guerra e Paz: volume 1* – Tolstói
 626. *Guerra e Paz: volume 2* – Tolstói
 627. *Guerra e Paz: volume 3* – Tolstói
 628. *Guerra e Paz: volume 4* – Tolstói
 629(9). *Shakespeare* – Claude Mourthé
 630. *Bem está o que bem acaba* – Shakespeare
 631. *O contrato social* – Rousseau
 632. *Geração Beat* – Jack Kerouac
 633. *Snoopy: É Natal! (4)* – Charles Schulz
 634(8). *Testemunha da acusação* – Agatha Christie
 635. *Um elefante no caos* – Millôr Fernandes
 636. *Guia de leitura (100 autores que você precisa ler)* – Organização de Léa Masina
 637. *Pistoleiros também mandam flores* – David Coimbra
 638. *O prazer das palavras* – vol. 1 – Cláudio Moreno
 639. *O prazer das palavras* – vol. 2 – Cláudio Moreno
 640. *Novíssimo testamento: com Deus e o diabo, a dupla da criação* – Iotti
 641. *Literatura Brasileira: modos de usar* – Luís Augusto Fischer
 642. *Dicionário de Porto-Alegres* – Luís A. Fischer
 643. *Clô Dias & Noites* – Sérgio Jockymann
 644. *Memorial de Isla Negra* – Pablo Neruda
 645. *Um homem extraordinário e outras histórias* – Tchêkhov
 646. *Ana sem terra* – Aicy Cheuiche
 647. *Adulterios* – Woody Allen
 648. *Para sempre ou nunca mais* – R. Chandler
 649. *Nosso homem em Havana* – Graham Greene
 650. *Dicionário Caldas Aulete de Bolso*
 651. *Snoopy: Posso fazer uma pergunta, professora? (5)* – Charles Schulz
 652(10). *Luis XVI* – Bernard Vincent
 653. *O mercador de Veneza* – Shakespeare
 654. *Cancioneiro* – Fernando Pessoa
 655. *Non-Stop* – Martha Medeiros
 656. *Carpinteiros, levantem bem alto a cumeeira & Seymour, uma apresentação* – J.D. Salinger
 657. *Ensaio céticos* – Bertrand Russell
 658. *O melhor de Hagar 5* – Dik e Chris Browne
 659. *Primeiro amor* – Ivan Turguêniev
 660. *A trégua* – Mario Benedetti
 661. *Um parque de diversões da cabeça* – Lawrence Ferlinghetti
 662. *Aprendendo a viver* – Sêneca
 663. *Garfield, um gato em apuros (9)* – Jim Davis
 664. *Dilbert 1* – Scott Adams
 665. *Dicionário de dificuldades* – Domingos Paschoal Cegalla
 666. *A imaginação* – Jean-Paul Sartre
 667. *O ladrão e os cães* – Naguib Mahfuz
 668. *Gramática do português contemporâneo* – Celso Cunha
 669. *A volta do parafuso seguido de Daisy Miller* – Henry James
 670. *Notas do subsolo* – Dostoiévski
 671. *Abobrinhas da Brasilônia* – Glauco
 672. *Geralão (3)* – Glauco
 673. *Piadas para sempre (3)* – Visconde da Casa Verde
 674. *Dois viagens ao Brasil* – Hans Staden
 675. *Bandeira de bolso* – Manuel Bandeira
 676. *A arte da guerra* – Maquiavel
 677. *Além do bem e do mal* – Nietzsche
 678. *O coronel Chabert seguido de A mulher abandonada* – Balzac
 679. *O sorriso de marfim* – Ross Macdonald
 680. *100 receitas de pescados* – Sílvia Lancellotti
 681. *O juiz e seu carrasco* – Friedrich Dürrenmatt
 682. *Noites brancas* – Dostoiévski
 683. *Quadras ao gosto popular* – Fernando Pessoa
 684. *Romanceiro da Inconfidência* – Cecília Meireles
 685. *Kaos* – Millôr Fernandes
 686. *A pele de onagro* – Balzac
 687. *As ligações perigosas* – Choderlos de Laclos
 688. *Dicionário de matemática* – Luiz Fernandes Cardoso
 689. *Os Lusíadas* – Luís Vaz de Camões
 690(11). *Átila* – Éric Deschodt
 691. *Um jeito tranqüilo de matar* – Chester Himes
 692. *A felicidade conjugal seguido de O diabo* – Tolstói
 693. *Viagem de um naturalista ao redor do mundo* – vol. 1 – Charles Darwin
 694. *Viagem de um naturalista ao redor do mundo* – vol. 2 – Charles Darwin
 695. *Memórias da casa dos mortos* – Dostoiévski
 696. *A Celestina* – Fernando de Rojas
 697. *Snoopy: Como você é azarado, Charlie Brown! (6)* – Charles Schulz
 698. *Dez (quase) amores* – Claudia Tajes
 699(9). *Poirot sempre espera* – Agatha Christie
 700. *Cecília de bolso* – Cecília Meireles
 701. *Apologia de Sócrates precedido de Êutifron e seguido de Críton* – Platão
 702. *Wood & Stock* – Angeli
 703. *Striptiras (3)* – Laerte

704. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens – Rousseau
 705. Os duelistas – Joseph Conrad
 706. Dilbert (2) – Scott Adams
 707. Viver e escrever (vol. 1) – Edla van Steen
 708. Viver e escrever (vol. 2) – Edla van Steen
 709. Viver e escrever (vol. 3) – Edla van Steen
 710(10). A teia da aranha – Agatha Christie
 711. O banquete – Platão
 712. Os belos e malditos – F. Scott Fitzgerald
 713. Libelo contra a arte moderna – Salvador Dalí
 714. Akropolis – Valerio Massimo Manfredi
 715. Devoradores de mortos – Michael Crichton
 716. Sob o sol da Toscana – Frances Mayes
 717. Batom na cozinha – Nani
 718. Vida dura – Claudia Tajes
 719. Carne trêmula – Ruth Rendell
 720. Cris, a fera – David Coimbra
 721. O anticristo – Nietzsche
 722. Como um romance – Daniel Pennac
 723. Emboscada no Forte Bragg – Tom Wolfe
 724. Assédio sexual – Michael Crichton
 725. O espírito do Zen – Alan W. Watts
 726. Um bonde chamado desejo – Tennessee Williams
 727. Como gostais seguido de Conto de inverno – Shakespeare
 728. Tratado sobre a tolerância – Voltaire
 729. Snoopy: Doces ou travessuras? (7) – Charles Schulz
 730. Cardápio do Anonymus Gourmet – J.A. Pinheiro Machado
 731. 100 receitas com lata – J.A. Pinheiro Machado
 732. Conhece o Mário? vol.2 – Santiago
 733. Dilbert (3) – Scott Adams
 734. História de um louco amor seguido de Passado amor – Horacio Quiroga
 735(11). Sexo: muito prazer – Laura Meyer da Silva
 736(12). Para entender o adolescente – Dr. Ronald Pagnoncelli
 737(13). Desembarcando a tristeza – Dr. Fernando Lucchese
 738. Poirot e o mistério da arca espanhola & outras histórias – Agatha Christie
 739. A última legião – Valerio Massimo Manfredi
 740. As virgens suicidas – Jeffrey Eugenides
 741. Sol nascente – Michael Crichton
 742. Duzentos ladrões – Dalton Trevisan
 743. Os devaneios do caminhante solitário – Rousseau
 744. Garfield, o rei da preguiça (10) – Jim Davis
 745. Os magnatas – Charles R. Morris
 746. Pulp – Charles Bukowski
 747. Enquanto agonizo – William Faulkner
 748. Alina: viada em sexo (3) – Adão Iturrigarai
 749. A dama do cachorrinho – Anton Tchekhov
 750. Tito Andrônico – Shakespeare
 751. Antologia poética – Anna Akhmatova
 752. O melhor de Hagar 6 – Dik e Chris Browne
 753(12). Michelangelo – Nadine Sautel
 754. Dilbert (4) – Scott Adams
 755. O jardim das cerejeiras seguido de Tio Vânia – Tchekhov
 756. Geração Beat – Claudio Willer
 757. Santos Dumont – Aley Cheuiche
 758. Budismo – Claude B. Levenson
 759. Cleópatra – Christian-Georges Schwentzel
 760. Revolução Francesa – Frédéric Bluche, Stéphane Riols e Jean Tulard
 761. A crise de 1929 – Bernard Gazier
 762. Sigmund Freud – Edson Sousa e Paulo Endo
 763. Império Romano – Patrick Le Roux
 764. Cruzadas – Cécile Morrisson
 765. O mistério do Trem Azul – Agatha Christie
 766. Os escrúpulos de Maigret – Simenon
 767. Maigret se diverte – Simenon
 768. Senso comum – Thomas Paine
 769. O parque dos dinossauros – Michael Crichton
 770. Trilogia da paixão – Goethe
 771. A simples arte de matar (vol.1) – R. Chandler
 772. A simples arte de matar (vol.2) – R. Chandler
 773. Snoopy: No mundo da lua! (8) – Charles Schulz
 774. Os Quatro Grandes – Agatha Christie
 775. Um brinde de cianureto – Agatha Christie
 776. Súplicas atendidas – Truman Capote
 777. Ainda restam avelãs – Simenon
 778. Maigret e o ladrão preguiçoso – Simenon
 779. A viúva imortal – Millôr Fernandes
 780. Cabala – Roland Goetschel
 781. Capitalismo – Claude Jessua
 782. Mitologia grega – Pierre Grimal
 783. Economia: 100 palavras-chave – Jean-Paul Bébère
 784. Marxismo – Henri Lefebvre
 785. Punição para a inocência – Agatha Christie
 786. A extravagância do morto – Agatha Christie
 787(13). Cézanne – Bernard Fauconnier
 788. A identidade Bourne – Robert Ludlum
 789. Da tranquilidade da alma – Sêneca
 790. Um artista da fome seguido de Na colônia penal e outras histórias – Kafka
 791. Histórias de fantasmas – Charles Dickens
 792. A louca de Maigret – Simenon
 793. O amigo de infância de Maigret – Simenon
 794. O revólver de Maigret – Simenon
 795. A fuga do sr. Monde – Simenon
 796. O Uruguai – Basílio da Gama
 797. A mão misteriosa – Agatha Christie
 798. Testemunha ocular do crime – Agatha Christie
 799. Crepúsculo dos ídolos – Friedrich Nietzsche
 800. Maigret e o negociante de vinhos – Simenon
 801. Maigret e o mendigo – Simenon
 802. O grande golpe – Dashiell Hammett
 803. Humor barra pesada – Nani
 804. Vinho – Jean-François Gautier
 805. Egito Antigo – Sophie Desplancques
 806(14). Baudelaire – Jean-Baptiste Baronian
 807. Caminho da sabedoria, caminho da paz – Dalai Lama e Felizitas von Schönborn
 808. Senhor e servo e outras histórias – Tolstói
 809. Os cadernos de Malte Laurids Briggs – Rilke
 810. Dilbert (5) – Scott Adams
 811. Big Sur – Jack Kerouac
 812. Seguindo a correnteza – Agatha Christie
 813. O alibi – Sandra Brown
 814. Montanha-russa – Martha Medeiros
 815. Coisas da vida – Martha Medeiros

- | | |
|--|--|
| 816.A cantada infalível <i>seguido de</i> A mulher do centroavante – David Coimbra | 824.Amar ou depender? – Walter Riso |
| 817.Maigret e os crimes do cais – Simenon | 825.Darmapada: A doutrina budista em versos |
| 818.Sinal vermelho – Simenon | 826.J'Accuse...! – a verdade em marcha – Zola |
| 819.Snoopy: Pausa para a soneca (9) – Charles Schulz | 827.Os crimes ABC – Agatha Christie |
| 820.De pernas pro ar – Eduardo Galeano | 828.Um gato entre os pombos – Agatha Christie |
| 821.Tragédias gregas – Pascal Thierry | 829.Maigret e o sumiço do sr. Charles – Simenon |
| 822.Existencialismo – Jacques Colette | 830.Maigret e a morte do jogador – Simenon |
| 823.Nietzsche – Jean Granier | 831.Dicionário de teatro – Luiz Paulo Vasconcellos |
| | 832.Cartas extraviadas – Martha Medeiros |

SÉRIE **L&PM** POCKET **PLUS**

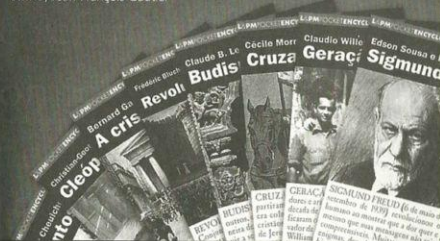
24 horas na vida de uma mulher – Stefan Zweig
Alves & Cia. – Eça de Queiroz
À paz perpétua – Immanuel Kant
As melhores histórias de Sherlock Holmes – Arthur Conan Doyle
Bartleby, o escrivão – Herman Melville
Cartas a um jovem poeta – Rainer Maria Rilke
Cartas portuguesas – Mariana Alcoforado
Cartas do Yage – William Burroughs e Allen Ginsberg
Continhos galantes – Dalton Trevisan
Dr. Negro e outras histórias de terror – Arthur Conan Doyle
Esboço para uma teoria das emoções – Jean-Paul Sartre
Juventude – Joseph Conrad
Libelo contra a arte moderna – Salvador Dalí
Liberdade, liberdade – Millôr Fernandes e Flávio Rangel
Mulher no escuro – Dashiell Hammett
No que acredito – Bertrand Russell
Noites brancas – Fiódor Dostoiévski
O casamento do céu e do inferno – William Blake
O coronel Chabert seguido de A mulher abandonada – Balzac
O diamante do tamanho do Ritz – F. Scott Fitzgerald
O gato por dentro – William S. Burroughs
O juiz e seu carrasco – Friedrich Dürrenmatt
O teatro do bem e do mal – Eduardo Galeano
O terceiro homem – Graham Greene
Poemas escolhidos – Emily Dickinson
Primeiro amor – Ivan Turguêniev
Sobre a brevidade da vida – Sêneca
Sobre a inspiração poética & Sobre a mentira – Platão
Sonetos para amar o amor – Luís Vaz de Camões
Trabalhos de amor perdidos – William Shakespeare
Tristessa – Jack Kerouac
Uma temporada no inferno – Arthur Rimbaud
Vathek – William Beckford

Série Biografias

Átila – Eric Deschodt
Balzac – François Taillandier
Cézanne – Bernard Fauconnier
Freud – René Major e Chantal Talagrand
Gandhi – Christine Jordis
Júlio César – Joël Schmidt
Kafka – Gérard-Georges Lemaire
Kerouac – Yves Buin
Luis XVI – Bernard Vincent
Michelangelo – Nadine Sautel
Modigliani – Christian Parisot
Picasso – Gilles Plazy
Shakespeare – Claude Mourthé

ENCYCLOPAEDIA é a nova série da Coleção L&PM Pocket, que traz livros de referência com conteúdo acessível, útil e na medida certa. São temas universais, escritos por especialistas de forma compreensível e descomplicada.

PRIMEIROS LANÇAMENTOS: *A crise de 1929*, Bernard Gazier – *Budismo*, Claude B. Levenson – *Cleópatra*, Christian-Georges Schwentzel – *Cruzadas*, Cécile Morrisson – *Geração Beat*, Claudio Willer – *Império Romano*, Patrick Le Roux – *Revolução Francesa*, Frédéric Bluche, Stéphane Rials e Jean Tulard – *Santos Dumont*, Alcy Cheuiche – *Sigmund Freud*, Edson Sousa e Paulo Endo – *Economia: 100 palavras-chave*, Jean-Paul Bettéze – *Acupuntura*, Madeleine Fiévet-Izard, Madeleine J. Guillaume e Jean-Claude de Tymowski – *Alexandre, o grande*, Pierre Briant – *Cabala*, Roland Goetschel – *Capitalismo*, Claude Jessua – *Egito Antigo*, Sophie Desplancques – *Escrita chinesa*, Viviane Alleton – *Existencialismo*, Jacques Colette – *Guerra Civil Americana*, Farid Ameur – *História de Paris*, Yvan Combeau – *Impressionistas*, Dominique Lobstein – *Islã*, Paul Balta – *Jesus*, Charles Perrot – *Marxismo*, Henri Lefebvre – *Mitologia grega*, Pierre Grimal – *Nietzsche*, Jean Granier – *Tragédias gregas*, Pascal Thiercy – *Vinho*, Jean-François Gautier



L&PM POCKET ENCYCLOPAEDIA
 Conhecimento na medida certa